

"CRISTO ATRAI-ME TODO A SI,  
TÃO BELO É"

---

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



---

RÍMINI 2007

Na capa: Masaccio, *Tributo (detalhe)*, Capela Brancacci, Florença.

© 2007 Fraternità di Comunione e Liberazione  
Traduzione dall'italiano: Neófito Oliveira e Giovanni Vecchio  
Edizione fuori commercio

Vaticano, 3 de maio de 2007

Reverendo Senhor  
Padre Julián Carrón  
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

*Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é”, o Sumo Pontífice expressa aos numerosos participantes cordial e auspiciosa saudação com garantia de Sua espiritual proximidade e, enquanto deseja que providencial encontro suscite renovada fidelidade a Cristo para um empenho generoso na obra da nova evangelização, invoca larga efusão de favores celestes e envia ao senhor, aos responsáveis da Fraternidade e a todos os que estão reunidos especial bênção apostólica.*

**Cardeal Tarcisio Bertone**, Secretário de Estado de Sua Santidade.

# *Sexta-feira, 4 de maio, noite*

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Sinfonia n. 40 em Sol menor, K 550*

*Frans Brüggen – Orchestra of the 18th Century*

*“Spirto Gentil”, Philips (Universal)*

## ■ INTRODUÇÃO

**Julián Carrón.** Mendiguemos o Espírito pois somente a Sua incontível potência pode despertar em nós a paixão pelo nosso destino. Somente a potência de uma energia que nos sacuda até as entranhas, que remexa tudo o que está parado em nós, pode realmente despertar-nos para uma vida plena.

Todos nós sabemos, no começo destes Exercícios, o quanto esta urgência tantas vezes está longe de nós; somos bem conscientes de que toda a nossa presunção a nada serve frente ao esmorecimento da nossa capacidade, do nosso eu. É por isso que a coisa mais correspondente, tão logo a gente percebe isso, é gritar ao Único que pode vir em nosso auxílio.

Invoquemos, de pé, com essa consciência, o Espírito de Cristo.

*Ó vinde, Espírito Criador*

Saúdo a cada um de vocês aqui presentes e a todos os que estão conectados (agora, 26 países; depois, outros 37 farão os Exercícios, num total de 63 países); pela primeira vez estão conectados de Belém os nossos amigos de Israel e Palestina.

Antes de começarmos o nosso gesto, leio o telegrama que me enviou o Santo Padre:

“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Cristo atraí-me todo a si, tão belo é’, o Sumo Pontífice expressa aos numerosos participantes cordial auspiciosa saudação com garantia de Sua espiritual proximidade e, enquanto deseje que providencial encontro suscite renovada fé em Cristo para um empenho generoso na obra da nova evangelização, invoca larga efusão de favores celestes e envia ao senhor, aos responsáveis da Fraternidade e a todos os que estão reunidos especial bênção apostólica.

Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

“Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.<sup>1</sup> Em quantos de nós passou pela cabeça quase espontaneamente pensar nessa frase de Jesus quando lemos, nestes meses, muitas vezes a palestra de Dom Giussani nos primeiros Exercícios da Fraternidade.<sup>2</sup>

Foi providencial encontrar esse texto sobre a familiaridade com Cristo para celebrar o 25º. Aniversário da nossa Fraternidade, porque todos nós percebemos o impacto do seu chamado: “Vocês cresceram – dizia então Dom Giussani –: na medida em que garantiram para si mesmos uma capacidade humana na própria profissão, existe, como que possível, uma distância de Cristo [...]. Existe como que uma distância de Cristo, exceto em determinados momentos [...] quando vocês se põem a rezar ou a cumprir algumas ações em Seu nome, em nome da Igreja ou em nome do Movimento. É como se Cristo estivesse distante do coração, [...] é como se com o passar do tempo não continuasse uma familiaridade pressentida, [...] como uma não presença Sua [...]. Não falta nas ações – por isso nos toca ainda mais esse insistente chamado, essa insistência de Dom Giussani –: não falta nas ações, em tantas ações [...], mas no coração? No coração não! [...] Aquilo que chamei de ‘a equivocidade do tornar-se adulto’ é realmente – ele nos dizia então – a tomada de consciência de onde devemos partir. Eu não acho que seja uma característica estatisticamente normal que tornar-se adulto tenha tornado Cristo mais familiar para nós [...]. Existe como que uma desmoralização”,<sup>3</sup> uma falta de tensão, uma ausência de tensão.

Quem não percebe como suas estas palavras que uma de vocês me escrevia? “Eu li a Página Um de *Passos* de março e percebi que Giussani descreve de forma muito exata aquilo que estou vivendo: a desmoralização da qual fala é a experiência que faço. Cristo é o motivo pelo qual fazemos um certo tipo de vida e pelo qual também arriscamos a nossa cara no mundo, e mesmo assim está distante do coração, de como olho o meu trabalho, a casa e, principalmente, de como me levanto de manhã. Se penso nas minhas manhãs me vem à mente apenas um vazio de consciência, e levantar-me para rezar as Laudes não muda a substância”.

Se o problema, amigos, é realmente o nosso coração (isto é, a fonte dos sentimentos, dos pensamentos, dos juízos), que carece dessa tensão por estar desmoralizado, se não bastam apenas as obras (e construímos tantas delas), as ações, as iniciativas que tomamos em todos estes anos; se tudo isso não serve, não serviu para vencer essa distância de Cristo do coração, é normal que a pessoa se pergunte – como diz o Papa Ben-

to citando Santo Agostinho –: “Então, que poderia em última análise mover o homem no seu íntimo, no seu coração?”.

“Com agudo conhecimento da realidade humana – diz o Papa –, Santo Agostinho pôs em evidência como o homem se move espontaneamente, e não constrangido, quando encontra algo que o atrai e nele suscita desejo. Perguntando-se ele, uma vez, sobre o que poderia em última análise mover o homem no seu íntimo, o santo bispo exclama: ‘Que pode a alma desejar mais ardentemente do que a verdade?’. De facto, todo o homem traz dentro de si o desejo insuprimível da verdade última e definitiva. Por isso, o Senhor Jesus, ‘caminho, verdade e vida’ (Jo 14, 6), dirige-Se ao coração anelante do homem que se sente peregrino e sedento, ao coração que suspira pela fonte da vida, ao coração mendigo da Verdade. Com efeito, Jesus Cristo é a Verdade feita Pessoa, que atrai a Si o mundo.”<sup>4</sup>

Nós não podemos vencer essa distância de Cristo do coração se Ele não nos “atrai todo”, justamente pela atração da Sua beleza. Por isso, o título destes Exercícios é uma afirmação da Sua verdade: “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é!”.<sup>5</sup> Mas, ao mesmo tempo, é um grito, é um pedido que Cristo faça resplandecer o Seu rosto, a Sua verdade ante os nossos olhos, para que todos nós, cada um de nós no seu íntimo possa ser atraído por Ele com essa consciência com a qual orava o salmista: “Converti-nos, ó Senhor Deus do universo, e sobre nós iluminai a vossa face! Se voltardes para nós, seremos salvos!”.<sup>6</sup>

Somente se Cristo, a Sua beleza, resplandece sobre nós, é que podemos nos sentir todos atraídos no íntimo do nosso coração. Mas a vida é drama, é relacionamento, e num relacionamento nada é mecânico. “O homem se move – diz o Papa – espontaneamente, e não constrangido”. Para isso é necessário que o homem, cada um de nós, esteja disposto a se deixar tocar pela beleza de Cristo, porque “o Senhor Jesus – diz o Papa – dirige-Se ao coração anelante do homem que se sente peregrino e sedento, ao coração que suspira pela fonte da vida”,<sup>7</sup> ou seja, ao coração pobre.

Porque o esplendor da Sua verdade “nos penetra – dizia Dom Giusani há alguns anos – na medida em que o coração é pobre”. Esta pobreza – ele se perguntava – esta pobreza de coração, o que é? “Não é uma simplicidade sentimental ou temperamental ou uma calma alcançada por circunstâncias favoráveis”.<sup>8</sup> A pobreza de coração é o desejo insuprimível da verdade última e definitiva que constitui o coração de todo homem.

“Eu não sei – ele dizia a um grupo de casais em 1977 – eu não sei, mas acho que esse meu contínuo chamado para o desejo, que vem da

experiência da minha vida, pois nisso experimentei e experimento a salvação, seja uma das coisas que torna mais simpático o que digo, porque é uma coisa evidentemente humana mas, ao mesmo tempo, é a coisa menos aceita de todas. A coisa mais humana [porque é a que coincide mais com o nosso tecido, porém] é a menos aceita”.<sup>9</sup>

“O desejo não é uma veleidade: é o primeiro gesto, melhor, é o único gesto no qual a verdade do homem se joga para dar lugar ao Senhor. Por isso o pobre de coração é aquele que tem o coração repleto do desejo da presença Dele. Todo o resto não é pobreza, tanto é que alguém que carregue esse desejo não pode pretender. O sintoma de que há esse desejo no coração, de que há essa pobreza, é que a pessoa não pode pretender, não consegue psicologicamente pretender”.<sup>10</sup>

Mas para desejar assim é necessário um juízo de valor a respeito do que seja realmente Cristo, pois do contrário não O desejamos. Podemos fazer tantas coisas mas o coração estar distante, e aí desejamos tantas outras coisas. Por isso a frase do Evangelho “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”, pois nós desejamos aquilo que, de fato, estimamos como valor. Portanto, o desejo é o fenômeno revelador do humano. Cechov exprimia isso muito bem: “Quando eu sentia vontade de entender alguém ou a mim mesmo, punha-me a observar não as ações, nas quais tudo é convenção, mas os desejos. Dize-me o que queres e te direi quem és”.<sup>11</sup> É no desejo que se revela aquilo que a pessoa estima. Por isso Dom Giussani dizia: “Vejam bem que a conversão acontece no desejo”.<sup>12</sup>

Que tenhamos uma estima maior, mais potente, tão potente por Cristo que aos poucos o nosso desejo se volte mais na direção Dele, a ponto de vencer essa distância, isto é uma questão de tempo. A nós interessa pedir, no começo destes dias, para ter esse desejo, porque o desejo é o dom do pobre. Qual é o contrário dessa pobreza? A presunção.

Em 1992, quando o Grupo Adulto tinha feito os Exercícios de Verão, em Corvara, sobre *Passos de experiência cristã* (o texto da Escola de Comunidade), Dom Giussani tinha respondido a uma pergunta dizendo: “É uma bela presunção pretender estar na companhia sem viver seriamente as necessidades da nossa humanidade”. Nós podemos estar nesta companhia sendo presunçosos, como se fosse algo automático, como se só o fato de estar, sem fazer nada, sem tomar iniciativa, sem levar a sério a nossa necessidade humana, pudesse bastar. Isto é uma presunção. É como um aluno que estivesse na sala de aula e dissesse: “Já é bastante eu estar aqui, vir à escola e assistir às aulas”: é um presunçoso, se acha que desse jeito vai ter sucesso.

Nós não somos diferentes dos outros e nem podemos achar que obteremos resultados ficando aqui sem levar a sério a nossa necessidade que nos empurra do nosso íntimo, da nossa exigência humana, a buscá-lo. Porque “Cristo – dizia o Papa – dirige-s ao coração anelante de cada um”.<sup>13</sup> Vejam que estar na nossa companhia sem viver seriamente as necessidades do nosso coração é uma presunção, insistia Dom Giussani.

Este ano foi um ano providencial. Iniciamos com a graça daquela belíssima colocação do Papa em Regensburg, onde fomos chamados a expandir a razão. Depois, na Itália, o Papa interveio no Congresso de Verona onde nos convocou a “uma fé amiga da inteligência e a uma prática de vida caracterizada pelo amor recíproco”.<sup>14</sup> Depois todos participamos do encontro com o Papa em Roma, onde novamente nos recordou a beleza do cristianismo que encontramos no carisma de Dom Giussani e como esse acontecimento que o marcou, que o feriu, feriu também a nós, e nos convidou a continuar buscando “uma fé profunda, personalizada e firmemente radicada no Corpo de Cristo vivo, a Igreja, que garante a contemporaneidade de Jesus conosco.”<sup>15</sup> Todas essas coisas, esse chamado a expandir a razão, esse chamado a viver a beleza do cristianismo para que possamos aprofundar a nossa fé e portanto vencer essa distância, estão de acordo com tudo o que vemos como útil para o caminho que estamos percorrendo.

Para nos ajudar a essa educação, a essa expansão da razão a uma fé mais profunda e personalizada, amanhã retomaremos o capítulo VIII de *Na origem da pretensão cristã*<sup>16</sup> como instrumento para esse caminho. O homem é relacionamento exclusivo com Deus, relacionamento direto com o Mistério, e por isso a insistência de Jesus sobre a religiosidade, isto é, sobre viver essa abertura total ao Mistério, a insistência mais potente que fez Jesus é: a vida se realiza no dom de si. Como esse caminho pode levar a uma personalização da fé? “A fé é pessoal – dizia Dom Giussani – quando é resposta, quando é exclusivamente encontrada e vivida como resposta à nossa humanidade”.<sup>17</sup>

No clima cultural em que vivemos isto é particularmente importante, porque não existe meio-termo. É de verdade uma fé extremamente consciente, e por isso extremamente querida como resposta à própria humanidade, à própria necessidade humana, e portanto uma seriedade com a própria vida que é necessário. Caso contrário, se não for uma resposta à nossa humanidade, Cristo continuará a ficar distante do nosso coração. Poderemos prosseguir realizando iniciativas, mas não bastará para vencer essa distância. Por isso, a primeira urgência que temos é essa lealdade que, com toda firmeza, observava Lewis quando escrevia que, “como



uma preliminar para separá-lo [o homem] do Inimigo [ou seja, de Cristo] você devia [deve] separá-lo de si mesmo”.<sup>18</sup>

A primeira modalidade com a qual nós nos afastamos de Cristo é nos afastarmos de nós mesmos. Naquele texto dos Exercícios de 25 anos atrás, Dom Giussani citava uma frase do papa João Paulo II, que é decisiva também para nós agora: “Não haverá fidelidade [...] se não houver no coração do homem uma pergunta para a qual somente Deus [...] é a resposta”.<sup>19</sup> Não diz que não haverá fidelidade se não formos leais, se não formos coerentes, se não tivermos energia, não. Não haverá fidelidade – isto é, no fundo, Cristo não nos interessará -, se não houver uma pergunta para a qual somente Ele é a resposta. Se essa pergunta não estiver enraizada no profundo do nosso eu e se não formos leais com ela, Cristo, cedo ou tarde, não nos interessará mais: como tantos outros, nós também iremos embora. Por isso, a primeira lealdade é para com a nossa humanidade, com o nosso grito, com a urgência do nosso coração. É o que podemos começar a pedir, para viver estes dias totalmente inclinados a nos deixarmos tocar, surpreender pela beleza de Cristo.

Sustentemo-nos reciprocamente, conscientes do tamanho da nossa fraqueza, do tamanho da nossa fragilidade, no silêncio, que seja como um grito de cada um de nós para os nossos companheiros, nos momentos de entrada e saída e nos trajetos nos ônibus. Ofereçamos este sacrifício como a expressão da nossa pobreza, pedindo ao Senhor que tenha piedade do nosso nada.

## SANTA MISSA

### HOMILIA DE PADRE PINO

Há uma palavra que domina a Liturgia desta noite: “Pai”. É o Pai que ressuscitou Cristo dos mortos; é o Pai que preparou um lugar na Sua casa para cada um de nós, um lugar no qual nos esperamos Dom Giussani e tantos dos nossos entes queridos.

Não somos servos, não somos discípulos, somos filhos. Somos filhos porque existe um Pai que nos gera continuamente. Mas essa certeza não pode se tornar costume, hábito ou presunção.

Temos em nossa boca a mesma pergunta de Tomé, uma daquelas perguntas às quais só Deus pode responder, às quais só Cristo responde: “Mostra-nos o caminho” (Cf. *Jo* 14,5), mostra-nos o caminho para a felicidade, para a realização da nossa vida. Porque nada acontece mecanicamente, nada acontece sem a nossa liberdade, sem o desejo e a responsabilidade pelo nosso destino. Estamos aqui por isso. Jesus responde: “Eu sou o caminho” (*Jo*, 14,6), não só a verdade e a vida, mas o caminho; não “um” caminho, mas “o” caminho.

Esta é a nossa certeza, esta é a nossa alegria, este é o nosso grito.

# *Sábado, 5 de maio, manhã*

*Na entrada e na saída:*

*Ludwig Van Beethoven, Concerto para violino e orquestra em Ré maior op. 61*

*David Oistrakh, violino*

*André Cluytens – Orchestre National de la Radiodiffusion Française*

*“Spirto Gentil”, EMI*

**Padre Pino.** “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”. O anúncio do Anjo, que para cada um de nós tem a forma concreta, o rosto desta companhia guiada ao destino, desperta-nos, não só do sono material, mas também do sono da distração, do sono da pre-sunção e nos faz olhar como aquela mulher, Maria, vibra ante as palavras por meio das quais o Mistério abre a sua liberdade pedindo para ser acolhido na carne, como companheiro de cada instante, de cada passo, como conteúdo totalizante de cada desejo do coração.

*Ángelus*

*Laudes*

## ■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

### *O homem é relacionamento exclusivo com Deus*

#### **Um olhar revelador do humano**

**Julián Carrón.** “Se não vos tornardes como crianças, não entrareis jamais”.<sup>20</sup> Que desta posição da criança dependa tudo na vida, absolutamente tudo, é impossível perceber sem se comover até a medula. Por isso se entende que tipo de comoção terá sentido Jesus olhando para aqueles que ele tinha à sua frente, com aquela Sua capacidade de penetrar, de perceber o drama do homem, o drama daqueles que tinha à sua frente. Entende-se o que é a vida e que tipo de plenitude ela poderia alcançar, se deixássemos Ele entrar – bastaria ser crianças para deixá-lo entrar – e se entendêssemos que Ele acaba chorando, não por sentimentalismo, mas pela paixão por aquele que tinha diante de Si, tanto é verdade que o Evangelho repete quase como um refrão: “E teve compaixão”. Compaixão. Que tipo de ternura o homem era capaz de mover

nas entranhas de Jesus, até a comoção! E o que Jesus via para se comer desse jeito? A necessidade, a nossa necessidade. O homem coincide com essa necessidade, com essa fome e essa sede à qual não pode responder sozinho, à qual ninguém de nós pode responder sozinho. Por isso, é normal que quando uma pessoa encontra uma outra assim, perceba imediatamente que era aquilo que esperava, que era Ele, exatamente Ele que ela esperava.

O que nós descobrimos olhando para Jesus? “Cristo era o único em cujas palavras sentiam que toda a sua experiência humana era compreendida, e as suas necessidades eram levadas a sério e trazidas à luz naquilo em que eram desconhecidas e confusas”.<sup>21</sup> O que nós surpreendemos em Jesus é esse olhar cheio de simpatia pelo humano, pela felicidade do indivíduo, por cada um, por cada um, com nome e sobrenome.

Que diferença entre esse olhar e o olhar que tantas vezes lançamos sobre nós mesmos, pelo qual reconhecer que somos necessitados nos parece uma fraqueza que deve ser escondida, escondida até de nós mesmos, quase a nos envergonhar, tanto é verdade que a nossa condição de necessitados, de mendicantes, nós consideramos como uma etapa a ser superada; é como se atrás dessa concepção, dessa maneira de nos olharmos, se escondesse a mentalidade de todos: o sonho inconfesso de não sermos necessitados, de não termos necessidade, que o ideal seja a autonomia, ser auto-suficientes (como todos, nada de novo!). Entende-se, então, por que Cristo fica distante do nosso coração. Como estamos distantes de Quem nos gerou!

O verdadeiro protagonista da história, ao invés, é o mendicante: “Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo”.<sup>22</sup> Que mudança é necessária no nosso olhar para conseguirmos nos enxergar dessa forma! Que familiaridade, que convivência com um olhar diferente, até que possamos olhar com a mesma simpatia o nosso humano, como sempre nos sentimos olhados por Dom Giussani.

Eu não quero ser auto-suficiente, eu quero sentir a urgência dentro do meu coração, a necessidade de Cristo até o pranto, para me abrir a Ele, para experimentar a potência da Sua presença, a plenitude que a vida pode ter quando, como necessitados, nós O deixamos entrar. Existe coisa muito pior que sermos necessitados: sermos sozinhos com a nossa auto-suficiência. Pensem por um instante se vocês preferem ter necessidade das pessoas que amam, da companhia dos filhos, dos amigos, ou se preferem ser sozinhos.

Todos nós, em algum momento da nossa vida, experimentamos esse olhar, que é o que nos atraiu. Mas o que é que Jesus vê em nós que não somos capazes de enxergar? O que é que Ele percebe em nós que O faz comover-se por nós até a medula? É aqui que podemos retomar juntos o capítulo que mencionei ontem, “A concepção que Jesus tem da vida”,<sup>23</sup> para nos ajudar a entender, a olhar, a nos identificarmos com aquele olhar, para descobrir quem somos e para descobrir quem é Cristo, pois é nesse olhar que se revela mais quem é Ele e, ao mesmo tempo, que se revela a nós mesmos quem somos.

“Quem é Jesus? A pergunta foi feita. E Ele respondeu. Respondeu revelando-se através de todos os gestos da Sua personalidade, [das suas obras, dos seus milagres]”. Mas “o ‘gesto’ mais iluminador, o ‘sinal’ mais significativo é a concepção que uma pessoa tem da vida, o sentimento definitivo e global que tem do homem. Só o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser ‘conservadas’ – ou seja, reconhecidas, conclamadas e defendidas – por Aquele que é o seu sentido último”.<sup>24</sup>

É o Seu olhar cheio de ternura para conosco que revela a nós mesmos quem é Jesus. E como nos revela? Não com um discurso, não com uma explicação: com aquele olhar cheio de estima por cada um de nós. Cristo revela quem é, despertando o homem, fazendo vir à tona todos os seus fatores. Por isso – diz Giussani – só o divino pode salvar o homem, pode fazer emergir tudo o que somos, nos fazer experimentar o que pode ser a vida, que plenitude pode alcançar, de tal modo que nós podemos dizer que Cristo existe, não porque “dizemos” o Seu nome (pode ser dito de modo formal, vago); sabemos que existe, que existe Cristo presente porque faz emergir todo o nosso eu, porque nos traz uma plenitude que não podemos alcançar sozinhos. Por isso experimentamos o pressentimento do divino num olhar assim.

Diz Tarkovskij: “Tu bem sabes: alguma coisa não deu certo, estás cansado, não agüentas mais. E de repente encontras na multidão o olhar de alguém – um olhar humano – e é como se tivesses te aproximado a um divino escondido. E de repente tudo se torna mais simples”.<sup>25</sup>

Só o divino pode salvar todo o valor de uma pessoa. Encontrar um homem que tem essa capacidade de afirmar o humano em todas as suas dimensões é um espetáculo tão singular, imponente, é um sinal tão significativo, tão iluminador que é fácil para a pessoa reconhecê-lo porque encontra logo correspondência com a sua necessidade humana.

Mas prestem atenção em como Cristo faz: primeiro, ele nos faz perceber isso na nossa humanidade e revela o que somos fazendo-o acon-

tecer. Nada de discurso, nada de aula de filosofia! Ele o faz acontecer dentro de nós, em nós. É por isso que podemos entender que tipo de novidade existe na concepção que Jesus expressa da vida, porque “é na concepção da vida proclamada por Cristo, na imagem que Ele dá da verdadeira estatura do homem, é no olhar realista que Ele lança sobre a existência humana, que o coração que busca o seu destino percebe a verdade na voz de Cristo que fala”.<sup>26</sup>

Por isso era normal que Guilherme de Saint-Thierry perguntasse: “Fala, e diz a ela e ao seu coração: *Eu sou a tua salvação* (Sl 34,3). Dize-lhe isso para que o escute, incute-lhe para que o perceba, dá-lhe para que o tenha, a fim de que tudo o que está dentro dela te bendiga”.<sup>27</sup>

Ou que Santo Agostinho afirmasse: “Pelas vossas misericórdias, disse-me, Senhor meu, o que sois para comigo? Dizei à minha alma: ‘Sou a tua salvação’. Falai assim para que eu ouça. Estão atentos, Senhor, os ouvidos do meu coração. Abri-os e dizei à minha alma: ‘Sou a tua salvação’. Correrei após esta palavra e alcançar-vos-ei”.<sup>28</sup>

Numa frase, Dom Giussani reúne todos os fatores: “O coração ‘moral’ percebe o sinal da Presença do seu Senhor”.<sup>29</sup> Isto, que temos dificuldade de entender, acontece: o relacionamento entre o coração, entre a minha necessidade humana, entre a minha desproporção e a Sua presença. É aqui que se vê qual é a atitude do nosso coração, porque é somente o coração moral, isto é, leal consigo mesmo, pobre, simples, não afastado de si mesmo, leal com a própria humanidade, com a própria necessidade humana, é o único capaz de perceber, de reconhecer o seu Senhor. Ainda bem que somos necessitados, do contrário, como poderíamos reconhecer? O nosso coração necessitado é o instrumento principal que nos foi dado para reconhecê-Lo. Por isso podemos entender.

## 1. O valor da pessoa

O que Jesus vê a ponto de fazer vir à tona com o seu olhar, de fazer experimentar, sentir dentro de nós o valor da nossa pessoa?

“O fator fundamental do olhar de Jesus Cristo é que no homem existe uma realidade superior a qualquer realidade sujeita ao tempo e ao espaço. O mundo inteiro não vale tanto quanto a menor pessoa humana; ela não pode ser comparada a nada no universo, desde o primeiro instante da concepção até o último passo da velhice. Todo homem tem um princípio pelo qual não depende de ninguém, e que é fundamento de direitos inalienáveis, é fonte de valores”.<sup>30</sup>

Jesus vê em nós, em você, em mim, uma realidade superior, um princípio original e irreduzível, do qual a nossa necessidade, o nosso desejo, a nossa desproporção é o primeiro reflexo, e então a nossa necessidade, o nosso desejo, que nós consideramos a nossa fraqueza, é justamente o que nos torna irreduzíveis. Exatamente por sermos um desejo insuprimível de infinito, somos irreduzíveis a qualquer reação, e por isso não se pode confundir o valor com as reações que somos induzidos a assumir.

Quantas vezes, entre nós, reduzimos a pessoa às reações! Até justificamos: “Eu sou assim”. Não! Eu reajo assim porque quero reagir assim, pois eu não sou uma peça de um mecanismo, não estou encaixado no mecanismo da circunstância, nas minhas reações: eu sou esse relacionamento único que me torna irreduzível. E isto nós devemos afirmar e ter consciência, pois a primeira influência que a mentalidade que nos circunda exerce sobre nós é exatamente essa redução no modo de conceber a nós mesmos, reduzindo-nos – como todos – aos fatores antecedentes, às nossas reações, aos nossos mecanismos. Não! Podemos reduzir-nos o quanto quisermos, mas nós não somos isso! Nós somos aquela realidade irreduzível que é relação com o Mistério.

Por isso, afirma Ernesto Sábato: “A primeira tragédia que deve ser urgentemente enfrentada é a perda do valor de si mesmo que o homem percebe”.<sup>31</sup> A primeira coisa da qual libertar-nos é dessa redução a um automatismo, porque “tudo o que no homem é pessoal – diz Berdjajev – se revolta contra o automatismo psíquico e social”.<sup>32</sup>

Como podemos vencer esse automatismo? Se encontramos alguém que não nos abandona, que não nos reduz. Por isso devemos ler, procurando abarcar todo o alcance, estas afirmações. Para Jesus “o problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem”.<sup>33</sup>

E como descobrimos que Jesus quer verdadeiramente a felicidade do indivíduo? Como nos impede a redução do eu? De forma muito simples, fazendo-nos esta pergunta: “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas perder a sua vida? Que poderá o homem dar em troca de sua vida?”.<sup>34</sup>

Por que alguém que nos faz essa pergunta nos quer bem de verdade? Porque não nos permite reduzir o nosso eu, a nossa necessidade, reconhece o tecido do qual somos feitos, é como se dissesse: “Olha quem és! Olha aquilo que o teu coração deseja! Dize-me se podes te contentar com menos do que isso! Dize-me se te basta o mundo inteiro!”.

Por isso Dom Giussani via nesta pergunta uma ternura do outro mundo: “Nenhuma ternura de amor materno ou paterno investiram

mais o coração do homem que essa palavra de Cristo, apaixonado pela vida do homem”,<sup>35</sup> jamais. Nós descobrimos um homem que tem paixão pelo nosso nada porque nos olha sem reduzir-nos, tendo a peito toda a exigência de felicidade que nos constitui. A pessoa, sentindo-se olhada dessa forma, experimenta logo o impacto que a faz perceber a correspondência. “Era isto que eu esperava: alguém que me olhasse assim, que gostasse realmente do meu eu, que me afirmasse desse jeito, de modo a me fazer experimentar a vida como nunca antes!”.

Por isso, continua Dom Giussani: “Ouvir essas perguntas feitas por Jesus representa a primeira obediência à nossa natureza [alguém que lhe faz essa pergunta é o Único capaz de descrever a nossa natureza]. Se somos surdos a essas perguntas, bloqueamos as experiências humanas mais significativas. Não poderemos amar a nós mesmos e seremos incapazes de amar aos outros. O motivo último que leva a amar a si e aos outros é o mistério do *eu*; qualquer outra razão só faz conduzir a esse mistério”.<sup>36</sup>

Quão longe estamos como mentalidade! Quando temos problemas nos relacionamentos (os casais, os amigos, os companheiros de Fraternidade), a última coisa que nos vem à mente é que possam ter a ver com essa falta de obediência a essas interrogações que definem a nossa natureza. Surdos a essas interrogações últimas, bloqueamos as experiências humanas mais significativas. Mas vocês se dão conta do tipo de desafio que é e de quão longe nós estamos?

## 2. A dependência original

Qual é esse valor do eu? Onde se fundamenta?

“A evidência última da vida, depois do fato de que existimos, é que antes não existíamos. Por isso, dependemos”.<sup>37</sup> Peço a vocês que não passem por cima dessas frases como por sobre coisas já sabidas. Basta simplesmente pensar qual foi a última vez que nós sentimos realmente a nossa dependência, a verdade de nós mesmos até reconhecer que dependemos, até sentir o arripio dessa dependência.

Porque “Cristo evidencia no homem uma realidade que não deriva da procedência fenomenológica do homem; fala-nos de uma realidade que é relação direta e exclusiva com Deus”.<sup>38</sup> O valor do eu, o valor de cada um de nós, é que é relacionamento direto, exclusivo com Deus, cujo reflexo – como eu dizia antes – é a necessidade, é a nossa mendicância.

Mas o fato que sejamos isto, que Jesus veja em nós o que somos, essa dependência, que somos relacionamento direto com Deus, é aquilo



que hoje é questionado pela nossa cultura. Vejam o que escreve Rorty: “Não há nada de profundo em nós, a não ser aquilo que nós mesmos colocamos, nenhum critério que não tenha sido criado por nós no decorrer de uma prática, nenhum cânone de racionalidade que não se refira a tal critério, nenhum argumento rigoroso que não seja a observância das nossas próprias convenções”.<sup>39</sup>

Nada “dado”. Tudo “convenção”. A luta é contra isto, porque nós temos as mesmas dificuldades de todos para reconhecer o dado e pensamos que as coisas são convenções, que podemos jogá-las no lixo, que não acontece nada. E isto abre a porta a qualquer manipulação, que vemos depois em todas as discussões, até a eugenia (como vocês podem ver no texto de encarte da revista *Passos*, em algumas das colocações sobre a família e os DiCo – ndt.: ‘Declaração de Convivência’: projetos de lei visando à constituição de famílias homossexuais). Hoje o que está em discussão é o humano, como dizia João Paulo II com uma expressão belíssima: é uma “disputa sobre o *humanum*”, está em jogo a própria natureza do ser humano, a sua existência, a sua identidade.

Portanto, afirmar que nós somos esse relacionamento direto com o Mistério é a única possibilidade de defender o homem assim como foi feito, com aquele desejo de plenitude, de felicidade que carrega consigo. Esta foi uma defesa obstinada de Dom Giussani sempre: “O homem tem algo que não depende de seus antecedentes, não dado por seu pai ou por sua mãe [...] não se esgota [portanto] nos seus antecedentes, mas a sua realidade tem algo que não depende [...] senão de Deus. Há algo nele que é relacionamento direto com o Infinito, relacionamento direto com o Mistério”.<sup>40</sup> E dizia em outra ocasião: “Desde jovem, é um dos sentimentos que procuro alimentar e renovar com mais frequência, que neste instante eu não me faço sozinho”.<sup>41</sup>

Se queremos não sucumbir à mentalidade dominante, ou começamos a nos identificar com Dom Giussani, vencendo essa nossa presunção, iniciando como pobrezinhos a alimentar e renovar com mais frequência a consciência de que não nos fazemos sozinhos, ou acabamos tendo a mentalidade de todos: raspando, raspando, atrás de todas as nossas afirmações, somos como todos. Por quê? Porque nós podemos – eu dizia ontem, citando Dom Giussani – também estar entre nós, neste lugar que nos fascinou, sem levar a sério a nossa necessidade, com passividade, sem fazer nada, porque tudo ao nosso redor favorece essa inércia.

Escreve Octavio Paz: “A única coisa que une a Europa é a sua passividade perante o destino”.<sup>42</sup> Passividade que não pode deixar de ter conseqüências. Dizia um jornalista americano frente ao massacre de

Virginia Tech: “A posição de *default* [atitude normal e quase automática] é uma passividade terrivelmente enervante. Os desajustados solitários com manias assassinas são por sorte bastante raros. Mas essa passividade detestável e corrosiva está espalhada por toda parte e, diferente do assassino psicopata, representa uma ameaça existencial para a sociedade”.<sup>43</sup>

Dom Giussani já tinha identificado bem o começo desse processo acontecido há séculos, em “uma possibilidade permanente da alma humana [...] de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total”.<sup>44</sup> A falta de empenho com aquilo que somos não é uma coisa que não nos diz respeito. Podemos constatar isso considerando quantas vezes, mesmo participando dos nossos gestos, fazemos tudo, mas o centro do eu está parado.

Uma pessoa me falava a respeito de uma amiga, a qual, tendo tomado o ônibus para ir a Roma, até a Praça São Pedro na noite de sexta-feira, depois de ter viajado toda a noite de ônibus, chegou a Roma e após tantas dificuldades conseguiu chegar ao seu lugar: parecia que tinha feito tudo, e, surpreendentemente, quando eu falei do mendicante, ela se deu conta de que não tinha feito a coisa mais importante.

Podemos pegar o ônibus, andar um monte de quilômetros, dificuldades enormes, gastar dinheiro, e estarmos parados, bloqueados no centro do eu, sem nos mover. Esta é a passividade. E podemos estar aqui na nossa companhia e sermos reduzidos aos fatores antecedentes, às nossas reações, sem tomar consciência de que eu sou relacionamento com o Mistério, que enquanto eu não movimentar isto, que enquanto o centro do meu eu, aquilo que é mais eu do que eu mesmo, não entrar em jogo, o meu eu fica parado, e isto não pode deixar de ter conseqüências. Se vocês quiserem ver todas, basta retomar o capítulo VIII de *O senso religioso*, onde Dom Giussani descreve quais são as conseqüências dessa falta de empenho com as próprias perguntas: a anulação da personalidade, a depressão da personalidade. Podemos até participar de tantos gestos nossos, e ver como a nossa personalidade se encolhe, e depois chegamos até a dizer: “Eu não fiz nada”. Este é o problema. É como uma pessoa que não utiliza o braço por duas semanas: não fez nada, mas todos sabemos as conseqüências dessa passividade.

Ao invés, a afirmação que Jesus faz da pessoa depende justamente de uma atividade, pois “aquele irreduzível relacionamento é de um valor inacessível e inatacável por qualquer tipo de influências”.<sup>45</sup> Precisamos reler essas coisas, uma após a outra: o nosso eu é irreduzível, inatacável. Por isso precisamos parar de dizer “Na posso”. Que circunstância pode

impedir uma pessoa de elevar o olhar – como diz Dom Giussani num dos últimos textos –<sup>46</sup>, e dizer “Tu” ao Mistério? Nenhum poder deste mundo pode impedir isso, mas sequer pode forçá-lo: essa é a grandeza, esse é o valor único da nossa pessoa.

Por isso “esse relacionamento único, quando é reconhecido e vivido, é a *religiosidade*”.<sup>47</sup> Não basta ser assim (porque somos, apesar de nós mesmos, também no nosso esquecimento somos assim, somos feitos por um Outro com esse relacionamento único com Ele), mas isto cada um de nós deve reconhecer. Esse “relacionamento único, quando é reconhecido e vivido, [chama-se] *religiosidade*.”<sup>48</sup> Por isso Dom Giussani fala da insistência obstinada de Jesus ao falar dessa religiosidade, desse modo de viver o próprio eu como relacionamento com o Mistério, pois nesse relacionamento com o Mistério, com o Pai, Jesus via a única possibilidade de salvaguardar o valor de cada pessoa. Jesus via no relacionamento com o Pai essa possibilidade. Por isso, Dom Giussani dizia: “A religiosidade cristã surge como única condição do humano”, não para se tornar um pouco mais “piedoso”, não para se tornar um pouco mais “espiritual”, não para ser um pouco mais “de CL”, mas como condição do humano.

Essa insistência obstinada de Jesus não é só uma afirmação, mas um tomar constantemente iniciativa em relação a nós, fazendo-se presente vivo diante de nós para continuar a fazer o que fez durante a sua vida terrena: despertar-nos da passividade, acordar-nos fazendo-nos experimentar, fazendo-nos desejar; movendo de novo tudo o que está parado, passivo, para despertar todo o nosso eu, para salvar o nosso humano. Como diz Maria Zambrano: “A atualidade plena daquilo que somos só é possível em vista de uma outra presença, de um outro ser que tem a virtude de nos colocar em exercício, em ato... E como seria possível sair de si... senão irresistivelmente apaixonados?”<sup>49</sup>, isto é, atraídos, fascinados. É essa presença que faz acender o conhecimento amoroso, a única em condições de vencer a passividade. “Uma forma de razão – ela dizia – na qual a passividade, a total passividade, é resgatada em relação ao conhecimento e àquela coisa que move e gera o conhecimento: o amor”.<sup>50</sup> Temos necessidade de um método de conhecimento “que desperte todas as zonas da vida e tome conta delas”.<sup>51</sup>

É por isso que escolhemos este título para os nossos Exercícios, como conteúdo de método: “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é!”. Sem a Sua beleza que atrai tudo de mim, toda a minha inteireza de homem, eu não posso ser eu mesmo, eu esmoreço, me torno passivo, deprimido a minha personalidade.

Cristo existe, mas é preciso reconhecê-lo. Nós vimos em Roma; e vocês podem rever agora no DVD “Arrebatados pela beleza de Cristo”.<sup>52</sup> Mas é preciso ver não só a superfície daquilo que vivemos: não só a organização de CL, mas a potência da Sua presença. Porque se não chegamos a reconhecer a Sua presença, voltamos pra casa e nada mudou: como muitos de vocês já começaram a perceber, a realidade depois é a mesma e a decepção ainda maior.

Por isso é providencial que tenhamos à nossa frente o texto da Escola de Comunidade sobre o poder do Espírito,<sup>53</sup> porque o poder do Espírito é a coisa que devemos continuar a pedir, para que possamos ser como os discípulos, que tinham encontrado uma Personalidade excepcional, mas não tinham entendido; e nós podemos ter participado de um gesto excepcional e não ter entendido.

É este acontecimento do Espírito que devemos continuar a pedir, para que possamos nos identificar sempre mais com o que aconteceu, que pode mudar o nosso olhar. “O conhecimento novo nasce da adesão a um acontecimento, do *affectus* por um acontecimento ao qual estamos apegados”<sup>54</sup> (“apaixonados”, dizia Zambrano). A nossa razão não vence como “medida”, se se expande, se é determinada por um acontecimento, por um *affectus*, pela presença viva de Cristo, pela Sua beleza, que nos impede de ver a medida vencer, de ver a passividade vencer, de ver como a nossa humanidade esmorece continuamente, até deprimir-se.

O que impede de nos reduzirmos é um olhar, é ter o olhar fixo, apegado. Mas como podemos manter essa posição? Somente se aquele acontecimento permanece contemporâneo. “O conhecimento novo – dizia Dom Giussani – implica portanto estar em contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta”.<sup>55</sup> Sem que a presença de Cristo seja constantemente presente, despertando o nosso eu, nós não agüentamos. Por isso é precioso o chamado do Papa: uma fé profunda e personalizada só poderá estar radicada no Corpo vivo de Cristo, a Igreja, que garante a contemporaneidade de Jesus conosco.

É ficando nesta companhia que somos habilitados a olhar o real e a nós mesmos sem reduzi-lo nem reduzir-nos. Mas atenção: ficar nesta companhia onde acontece a contemporaneidade não quer dizer ficar passivamente, não quer dizer sermos presunçosos ficando passivos. Dizia Dom Giussani há alguns anos: “Seguir o Movimento sem essa conversão da autoconsciência, sem que Cristo, a memória de Cristo se torne o conteúdo, sem que Cristo se torne o conteúdo da consciência de mim mesmo, ou seja, sem memória, seguir o Movi-

mento equivale a seguir uma associação”,<sup>56</sup> e não é que uma associação sirva pra grande coisa.

Portanto, a religiosidade cristã – insiste Dom Giussani – isto é, uma religiosidade, uma abertura despertada constantemente pela presença de Cristo, por essa contemporaneidade de Cristo, é a única condição do humano. Nesse amor a Cristo presente no meio de nós, apostamos o nosso humano, apostamos a nossa vida! Por isso, podemos viver a religiosidade – como nos alerta Jesus – em toda a sua verdade justamente pelo encontro com Cristo e a permanência na sua Igreja, que nos desperta continuamente e nos impele sempre mais a nos relacionarmos com o real com toda a abertura da razão e nos impede de sucumbir definitivamente à passividade ou ao racionalismo, nos impele a expandir constantemente a razão. Por isso, diz Jesus, esse relacionamento definitivo com Deus nos convém para salvar a nossa pessoa.

Portanto, amigos, temos à nossa frente uma escolha. “A escolha do homem é: conceber-se livre de todo o universo e dependente só de Deus, ou livre de Deus e escravo de todas as circunstâncias”.<sup>57</sup> Então, quando nos sentimos escravos, não culpemos as circunstâncias, o universo inteiro, alguém sobre o qual descarregamos todas as responsabilidades, mas comecemos a pensar que ser escravo numa circunstância, “sentirmo-nos presos”, sentirmo-nos sufocados, depende dessa falta de dependência do Mistério.

Quanto mal-estar, mas quanto! Quanta perda de tempo, quantos lamentos, quanta violência pouparíamos a nós mesmos se entendêssemos essas coisas! Basta fazer Escola de Comunidade. Porque “a superioridade do eu se fundamenta na dependência direta do princípio que lhe dá origem e dá origem a tudo, isto é, na dependência de Deus. A grandeza e a liberdade do homem derivam da dependência direta de Deus, condição para que o homem se realize e se afirme [...]. A dependência de Deus vivida, ou seja, a religiosidade, é a indicação mais apaixonada que Jesus dá no seu Evangelho”.<sup>58</sup>

### **3. A existência humana**

Conclui Dom Giussani: “A insistência sobre a religiosidade é o primeiro dever do educador, isto é, do amigo”. Este é um amigo, os demais o são por assim dizer. Uma pessoa é amiga se abre essa religiosidade, se a desperta; não é amigo quem apaga a religiosidade, quem a bloqueia, quem a bitola: este não é um amigo, é um conivente. Perguntemo-nos quantos amigos verdadeiros nós temos, isto é, alguém que

desperta isto constantemente em nós, que nos desperta a ferida, o drama do viver, que nos desperta a pergunta: “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro mas perder a sua vida?”. Quem nos fala assim, este é um amigo.

#### 4. Uma consciência que se expressa em pedido

Essa consciência se expressa em pedido. “A expressão da religiosidade enquanto consciência da dependência de Deus chama-se oração”. A propósito disso, destaco três pontos:

a) “A oração é a consciência última de si, enquanto consciência da [desta] dependência constitutiva. Ela representa o tecido do sentimento de si que Cristo tinha”.<sup>59</sup> Portanto, a oração é dar-me conta do que eu sou: “Amei-te com amor eterno e te atraí com a misericórdia” (Cf. *Jer* 31,3). Consciência de si, não rezar inconsciente, não rezar por assim dizer. Observe qual foi a última vez que você, rezando, tomou realmente consciência de si até se comover. Nada de gesto tão-somente “piedoso”! A oração é essa consciência toda repleta até a origem, que faz comover;

b) “Na oração, a existência humana ressurgue e adquire consistência”.<sup>60</sup> É impossível que a pessoa faça isso e o próprio eu não ressurgja e adquira consistência. “Maravilhamento devoto, respeito, submissão amorosa nesse gesto de consciência: eis a alma da oração”.<sup>61</sup> Nada de cansaço! Maravilhamento devoto, submissão amorosa, comoção última: isto é a oração.

Portanto, quando a pessoa toma consciência disso, “a solidão é eliminada [...]. A existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, [com esse] companheiro inseparável. [E observem agora] A companhia é *no* eu, não há nada que façamos apenas por nós mesmos, sozinhos. Toda amizade humana é reflexo da estrutura original do ser, e cada vez que isso é negado sua verdade está sob ameaça. Em Jesus, o Emanuel, o ‘Deus conosco’, a familiaridade e o diálogo com Aquele que nos cria a cada instante torna-se não só transparência que ilumina, mas também companhia histórica”.<sup>62</sup> E a companhia histórica nos é dada para que isto se torne mais transparente, não para nos substituir.

Por isso temos necessidade não só da oração como dimensão, mas do ato da oração como necessário treinamento para tal consciência, até que se torne familiar. Eis a promessa: “O vértice mais alto da oração não é o êxtase, ou seja, uma tal consciência do fundamento que a pessoa perde o senso do habitual, mas será antes ver o fundamento como se vêem as coisas habituais”.<sup>63</sup>

Nada de visionários! Esta é a mística cristã: ver o fundamento, ver a origem, não ficar na aparência, de modo que o fundamento de tudo, de mim e do real, torne-se transparente como as coisas habituais.

Que expansão da razão é necessária para ver o fundamento como se vêem as coisas habituais! Que treinamento é necessário para usar a razão segundo a sua verdadeira natureza de razão, até a familiaridade com o Mistério que vê o fundamento como as coisas habituais;

c) “A mais alta expressão da oração é sua natureza de *pedido*”.<sup>64</sup>

“Tudo parece tão complicado – dizia Camus no *Calígula* –. Mesmo assim é tão simples. Se tivesse tido a lua, ou Drusila, o mundo, a felicidade, teria sido diferente. Tu sabes, Calígula, que eu poderia ser terno. A ternura! Mas onde encontrar tanta a ponto de saciar a minha sede? Onde encontrar um coração profundo como um lago? Não há nada que esteja bom pra mim, nem neste mundo nem no outro. Mesmo assim tenho certeza, e tu também tens, que me bastaria o impossível. O impossível! Eu o busquei nos confins do mundo e de mim mesmo, estendi as mãos”.<sup>65</sup>

Tudo está aqui: “Estendi as mãos”. Nós desejamos o impossível. Portanto, sendo que não podemos dá-lo a nós, toda a nossa esperança está nesse estender as mãos.

## SANTA MISSA

SAUDAÇÃO INICIAL DE SUA EXCELENÇA DOM STANISLAW RYLKO  
PRESIDENTE DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS

Queridos amigos, é com grande alegria que me encontro novamente entre vocês no momento extraordinariamente intenso dos Exercícios espirituais anuais da sua Fraternidade. Faz bem ao coração vê-los tão numerosos e tão intimamente unidos diante do mistério da Eucaristia: povo sacerdotal, profético e real, isto é, Igreja...

“Cantai ao Senhor um canto novo, porque ele fez prodígios” (SI 97, 1), exorta o salmista. E a história da Fraternidade de Comunhão e Libertação é realmente rica de prodígios do Senhor. Muitos entre nós teremos ainda por muito tempo, vivíssimas, na memória e nos olhos as imagens do tocante testemunho de fé que no sábado 24 de março passado os filhos espirituais de Dom Luigi Giussani prestaram frente a toda a Igreja durante a audiência do Santo Padre Bento XVI por ocasião do 25º aniversário de reconhecimento pontifício da Fraternidade. Naquele povo reunido em oração para acolher a palavra do Papa, que sem se importar com a chuva insistente apinhava a Praça de São Pedro e a rua da Conciliação, tornou-se tangivelmente visível o carisma de Comunhão e Libertação.

Com a alma ainda transbordante de gratidão ao Senhor pelo dom daquele encontro, preparemo-nos agora para a celebração da Eucaristia mediante um ato de arrependimento sincero pelos nossos pecados.

*Confesso a Deus todo poderoso...*

### HOMILIA

**“Senhor, é vossa face que eu procuro...” (SI 26,8)**

1. *Os exercícios espirituais, retorno ao essencial da vida...*

O tempo dos exercícios espirituais, tão esperado por cada um de vocês, é tempo forte para a vida de todo o Movimento que a cada ano se reencontra em Rímimi neste período para se pôr na presença do Senhor no silêncio do recolhimento, na oração, na escuta da Palavra e na meditação. É tempo no qual lhes é dado voltar a experimentar aquela comunhão profunda que faz de vocês uma companhia, uma grande família, “um só corpo e uma só alma”. E é um *kairós*, tempo de passa-



gem do Senhor e, portanto, de retorno ao essencial. Vêm-me à mente as palavras de Cristo a Marta: “Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas. Porém, uma só coisa é necessária” (Lc 10,41). Hoje mais do que nunca a nossa existência arrisca esgotar-se num ativismo desenfreado que nos deixa distraídos, superficiais, esquecidos daquilo que realmente conta. Os estilos de vida defendidos pela cultura dominante corroem a fé e tornam árido o espírito. Os exercícios espirituais, então, são uma grande oportunidade que nos é dada para voltar a nos interrogar acerca do essencial e para empreender um caminho de busca pessoal das verdadeiras respostas tendo o olhar fixo Naquele que é a resposta dada por Deus aos anseios mais profundos do coração do homem: Cristo. Diz o Salmista: “Senhor, é vossa face que eu procuro” (Sl 26,8), e ainda: “Procurai sempre o seu rosto” (Sl 104,4). A vida cristã é uma contínua procura do rosto de Cristo na qual nos encontramos sempre principiantes e, portanto, necessitados de mestres que nos ensinem como procurá-lo... Grande, portanto, é a gratidão que sentimos pelo Santo Padre que, com o seu livro *Jesus de Nazaré*, quis tornar-nos partícipes da sua pessoal, apaixonada, procura do rosto de Cristo na qual fé e razão se sustentam reciprocamente apoiando-se no fundamento seguro da Palavra revelada dos Evangelhos. “Já há muito tempo que a idéia deste livro – como ele mesmo escreve na Premissa – “me acompanha” (p.9): é fruto do caminho do cristão, do teólogo, do Pastor e, por fim, do Pontífice. A nossa meditação sobre a perícopie evangélica desta Eucaristia será guiada portanto justamente pela sua palavra de grande mestre na fé.

## 2. *A sede de Deus...*

O trecho do Evangelho que nós ouvimos nos transfere idealmente para o cenáculo onde Cristo, no discurso de despedida aos apóstolos, abre para eles o seu próprio coração. É uma espécie de testamento no qual cada palavra tem grandíssimo peso. O Senhor fala aos discípulos sobre o seu particular relacionamento com o Pai, revelando-lhes a sua identidade mais profunda: ele é o Filho. Mas eles têm dificuldade para entendê-lo.

“Senhor, mostra-nos o Pai, isto nos basta” (Jo 14,7). O pedido de Filipe expressa a sede mais profunda do coração do homem, a sede de Deus. A grandeza do homem está num coração que somente Deus pode preencher – nada mais! Mesmo assim, o mundo busca de todas as formas excluí-lo da sua vida, da vida das sociedades, da cultura. Deus se torna sempre mais “o grande Ausente” e o Papa exorta: “Somente a fé no único Deus liberta e ‘racionaliza’ realmente o mundo. Onde ela de-

saparece, o mundo se torna racional apenas aparentemente” (p. 157). Sem Deus, o homem e o mundo são um enigma incompreensível, inexplicável, privado de sentido.

Os exercícios espirituais são um tempo realmente privilegiado para reavivar em nós a sede de Deus, para revigorar em nós o senso religioso, o gosto de Deus, o gosto do Mistério. Escreve Bento XVI: “O homem precisa, em última instância, apenas de uma coisa, na qual tudo está contido; mas ele deve aprender a ir para além dos seus desejos e anseios primários, a querer aquilo de que realmente precisa e que realmente quer. Ele precisa de Deus” (p. 298). E explica: “O que é que Jesus realmente trouxe, se não trouxe nem a paz para o mundo, nem o bem-estar para todos nem um mundo melhor? O que é que Ele trouxe? E a resposta é dada de um modo muito simples: Deus [...] Ele nos trouxe Deus: agora conhecemos o seu rosto, agora podemos chamar por Ele. Agora conhecemos o caminho que como homens devemos percorrer neste mundo. Jesus trouxe Deus e assim a verdade sobre o nosso fim e a nossa origem; a fé, a esperança e o amor. Somente por causa da dureza do nosso coração é que pensamos que isso seja pouco. Sim, o poder de Deus é suave neste mundo, mas é o verdadeiro, o poder que permanece. Parece que as coisas de Deus se encontram sempre ‘em agonia’. Mas se mostram como o que realmente subsiste e redime” (p. 54). As páginas escritas pelo Santo Padre tocam a nossa esfera mais íntima, orientam a nossa vida, nos fazem desejar rezar com as palavras do salmista: “Minha alma tem sede de Deus, e deseja o Deus vivo. Quando terei a alegria de ver a face de Deus?” (Sl 41,2).

### 3. Conhecer Jesus...

“Senhor, mostra-nos o Pai, isto nos basta”. Ao pedido de Filipe, Jesus reage com uma pergunta velada de reprovação: “Há tanto tempo estou convosco, e não me conheceis?” (Jo 14,9). Hoje, deveríamos entender essa pergunta como feita a cada um de nós, deixando-nos sacudir das nossas falsas certezas, deixando insinuar-se em nós a dúvida de que talvez não seja verdade que já sabemos tudo, deixando-nos cutucar a fim de não pararmos jamais no nosso caminho pessoal de procura do rosto de Jesus dos Evangelhos; “E vós quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). Na *Deus caritas est* o Papa leva a intuir toda a importância para o cristão de conhecer o Mestre, escrevendo: “A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas idéias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo” (n.12). O cristianismo é a pessoa viva de Cristo. Comentando o livro do

rabino Jacob Neusner *A Rabbi talks with Jesus*, Bento XVI menciona a passagem onde o autor afirma que no seu ensinamento Jesus não deixou coisa alguma de lado, mas acrescentou algo que dá uma virada em tudo: ele mesmo. E explica que é exatamente este “o ponto central da ‘impressão’ perante a mensagem de Jesus para o crente judeu Neusner, e esta é a razão central por que ele não quer seguir Jesus, mas permanece no ‘eterno Israel’: a centralidade do Eu de Jesus na sua mensagem, que a tudo dá uma nova direção [...] A perfeição, a santidade exigida pela *Tora*, como Deus é santo (cf. *Lv* 19,2; 11,44), consiste agora em seguir Jesus” (p.103).

No trecho do Evangelho que ouvimos, Cristo se apresenta como Filho do eterno Pai, totalmente submisso a ele e totalmente igual, permitindo-nos assim olhar para a sua identidade mais íntima e com isto no íntimo do próprio Deus. Escreve o Papa: “Existe a originalidade de Jesus. Só Ele é ‘o Filho’” (p. 291). Por isso, “a doutrina de Jesus não vem da aprendizagem humana, seja ele de que espécie for. Ela vem do contato imediato com o Pai, do diálogo ‘face a face’, da visão daquele que repousa no seio do Pai. Ela é a palavra do Filho” (p. 25). Quem caminha com Jesus é necessariamente envolvido na comunhão com Deus.

“Há tanto tempo estou convosco, e não me conheceis”. O risco de seguir Jesus, de estar com ele sem reconhecê-lo é real. E as palavras do Senhor a Filipe são uma advertência para todos nós e convite a nos unirmos à humilde profissão de fé de Pedro: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (*Jo* 6,68-69).

#### ANTES DA BÊNÇÃO FINAL

**Carrón.** Permita-me, Excelência, em nome de todos, agradecer-lhe pela constante paternidade com a qual nos acompanha há tempos, e mesmo que a sua vinda já se repita há algum tempo, não é por isso menos fascinante, muito pelo contrário. Por isso, obrigado mais uma vez.

**Dom Rylko.** Eu sempre considero um dom poder presidir esta eucaristia, um momento de recarga espiritual também para mim, não só para vocês, mas também para mim.

Permitam-me concluir esta eucaristia evocando mais uma vez a palavra do Papa. Há dois anos dizia o então Cardeal Joseph Ratzinger: “Aquilo de que temos especialmente necessidade neste momento da história é de homens que, mediante uma fé iluminada e vivida, tornem

Deus acreditável neste mundo. O testemunho negativo de tantos cristãos que falam de Deus e vivem contra Ele obscureceu a imagem de Deus e abriu a porta para a incredulidade. Precisamos de homens que tenham o olhar voltado direto para Deus, aprendendo daí a verdadeira humanidade. Só por intermédio de homens que são tocados por Deus, tocados por Deus, é que Deus pode voltar para junto dos homens”.

Durante estes exercícios espirituais Deus passa entre nós. Devolvamos a Ele a centralidade que Lhe pertence na nossa vida pessoal, no seio de nossas famílias, no nosso trabalho. Deixemos que o Senhor nestes dias nos toque de verdade!

## ***Sábado, 5 de maio, tarde***

*Na entrada e na saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano em Ré menor n. 20 K 466*

*Clara Haskil – piano*

*Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux*

*“Spirto Gentil” Philips (Universal)*

***Julián Carrón.*** Agradecemos o Patriarca de Veneza, sua Eminência Cardeal Ângelo Scola, pela mensagem que nos enviou:

“Caríssimos, a atração de Jesus Cristo pela nossa vida nos ergue como personalidades a caminho: com a certeza da meta, mas também conscientes de que ela exige uma tensão contínua. Nisto consiste o *valor do homem*. Por isso, cada um de nós possui uma dignidade insuprimível, que nada e ninguém pode desabonar.

O precioso ensinamento do querido Monsenhor Giussani, condensado no admirado verso de Jacopone, brilha neste ano ainda mais luminoso depois do abraço e das palavras de Bento XVI na memorável audiência do dia 24 de março passado. Aí floresce para cada um de nós um impulso de renovada comunhão que continuamos mendigando ao Pai como expressão mais convincente da humana beleza.

Saúdo-os e abençôo-os no Senhor, Cardeal Ângelo Scola”.

Chegou também uma mensagem de Sua Excelência Dom Luigi Negrí, Bispo de San Marino-Montefeltro. Saúdo Sua Excelência Dom Paulo Romeo, Arcebispo de Palermo; Sua Excelência Dom Gianni Danzi, Arcebispo de Loreto, que estão presentes nestes dias. Saúdo ainda Sua Excelência Dom Giancarlo Vecerrica, Bispo de Fabriano e Padre Massimo Cenci, Sub-secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos, e o Doutor Guzman Carriquiry, Sub-secretário do Pontifício Conselho para os Leigos.

### ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

## ***Que vale a vida senão para ser dada?***

“Que vale a vida senão para ser dada?”. Que audácia! Que audácia a de Jesus, nas palavras que acabamos de cantar: “Vai, vende tudo o que

tens e vem comigo”. É quase uma súplica, é quase uma mendigação pedindo-nos: “Olha, se tu queres viver, vai, vende tudo o que tens e vem comigo”.<sup>66</sup>

Na audiência do dia 24 de março, o Papa nos lançou novamente para a missão. Em Verona havia descrito qual é o caminho principal da missão: “A forte unidade que se realizou na Igreja dos primeiros séculos, entre uma fê amiga da inteligência e uma prática de vida caracterizada pelo amor recíproco e pela atenção cuidadosa aos pobres e aos sofredores, tornou possível a primeira grande expansão missionária do cristianismo no mundo helenista-romano. Assim tornou-se também sucessivamente, em vários contextos culturais e situações históricas. Este permanece o caminho principal para a evangelização [ou seja, para a missão]: o Senhor nos oriente para vivermos esta unidade entre a verdade e o amor nas condições próprias do nosso tempo, para a evangelização da Itália e do mundo de hoje”.<sup>67</sup>

Uma fê amiga da inteligência (como vimos hoje de manhã), uma prática de vida caracterizada pelo amor (como veremos agora).

Se na primeira parte do capítulo sobre a concepção que Jesus tem da vida, o ponto central era que o problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem, agora a questão é como se alcança a felicidade. Trata-se de nos ajudar a compreender o caminho. Todos nós homens já fizemos e fazemos tentativas contínuas para alcançar essa felicidade, e portanto cada um que almeja essa felicidade não pode deixar de sentir a provocação de Jesus como um caminho com o qual confrontar-se. Nós podemos abordar esta questão como um discurso já sabido ou, ao contrário, como a ocasião de uma verificação, de uma comparação daquilo que cada um de nós está vivendo com o caminho proposto por Cristo para alcançar a felicidade. Somente se nós encontramos o caminho é que podemos nos tornar testemunhas perante os homens, ou seja, viver a missão.

## **A lei da vida**

### *O dom de si*

A lei da vida, diz Jesus, é o dom de si. “Se o homem, enquanto ser [existente, como] (pessoa), é maior do que o mundo [do que os fatores que o antecedem], enquanto existente (dinamismo vivo) – diz Dom Giusani no começo deste capítulo – [a pessoa] é parte do cosmos. Por isso mesmo, a meta de seu agir, se em última análise é a sua realização, a sua felicidade, imediatamente, porém, é servir o todo do qual faz parte”.<sup>68</sup>

É isto que devemos nos ajudar a entender: se em última análise a meta é a sua realização, a felicidade, nós alcançamos a felicidade exatamente por meio desse serviço ao todo porque, “enquanto parte do mundo, o homem deve servi-lo, mesmo que todo o universo tenha a finalidade de ajudá-lo a atingir melhor a sua felicidade”.<sup>69</sup>

Como vocês vêem, o desafio é impressionante, porque isso nos parece um paradoxo, difícil de aceitar, que nos provoca transtorno, pois servir ao todo muitas vezes o percebemos como contrário à nossa felicidade. É o paradoxo que encontramos no Evangelho: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só; mas se morre, então produz muito fruto. Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna”.<sup>70</sup>

“A existência humana se desenvolve no serviço ao mundo; o homem – diz Dom Giussani seguindo este paradoxo do Evangelho – realiza a si mesmo entregando-se, sacrificando-se. O melhor comentário a esse princípio cristão são as palavras de Anne Vercors diante do cadáver da filha Violaine na peça *O anúncio feito a Maria*, de Paul Claudel: “Será que o fim da vida é viver? Estarão os pés dos filhos de Deus pregados a essa terra miserável? O fim não é viver, mas morrer e dar, sorrindo, o que temos! Eis a alegria, eis a liberdade, eis a graça, eis a mocidade eterna. Que vale o mundo ao lado da vida? E que vale a vida, senão para ser dada?”. A existência humana é um consumir-se “por” alguma coisa.<sup>71</sup>

Mas por que é assim? Por que a vida é consumir-se por alguma coisa? Qual é a natureza desta consumição? A vida é assim porque o Mistério, que está na origem de tudo o que somos, o Mistério da Trindade, além de ser relacionamento, é dom – vimos isso hoje de manhã –, dom comovido de si, é caridade. A natureza de Deus revelou-se no envio de seu Filho que olha cheio de compaixão o nosso nada. “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito”, e teve compaixão deles.<sup>72</sup> Que Deus não apenas nos ame com amor eterno e tenha compaixão de nosso nada, sinta compaixão por mim, mas que envie o Seu Filho, esta é uma coisa do outro mundo, que diz o que é a natureza de Deus. “Meu coração comove-se no íntimo – diz o profeta Oséias – e arde de compaixão”.<sup>73</sup>

Esta é a natureza de Deus, diz o Papa: “Deus é absolutamente a fonte originária de todo o ser; mas este princípio criador de todas as coisas – o *Logos*, a razão primordial – é, ao mesmo tempo, um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor”.<sup>74</sup> Por isto, a grandeza do

homem criado por este Deus que arde de compaixão é ser dom; ele é criado à semelhança de Deus, portanto seu consumir-se deve tornar-se dom. A lei da existência, pois, é amor, dom de si.

“Assim, nos é ressaltado o paradoxo dessa lei: a felicidade [é alcançada] através do sacrifício”.<sup>75</sup> Quem é que não sente quase um escândalo diante de uma afirmação como essa? A proposta de Cristo desafia a mentalidade pela qual somos cercados e na qual muitas vezes somos mergulhados, que afeta também a nós.

A objeção feita por Nietzsche sobre o *eros* e que o Papa cita na encíclica *Deus caritas est* poderia ser estendida à existência inteira. “O cristianismo – segundo Friedrich Nietzsche – teria dado veneno a beber ao *eros*, que, embora não tivesse morrido, daí teria recebido o impulso para degenerar em vício. Este filósofo alemão exprimia assim uma sensação muito generalizada: com os seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida? Porventura não assinala ela proibições precisamente onde a alegria, preparada para nós pelo Criador, nos oferece uma felicidade que nos faz presentir algo do Divino?”.<sup>76</sup>

Neste contexto será impossível resistir à pressão da mentalidade que nos circunda, se nós não fizermos outro tipo de experiência. Não basta opor o discurso certo ao discurso errado para viver nesta situação. É necessária uma experiência diferente, uma experiência de plenitude, de outro modo não resistiríamos e, cedo ou tarde, nós também sucumbiríamos a essa mentalidade de todos.

Exatamente este é o desafio e Dom Giussani responde a este desafio dizendo: “quanto mais alguém aceita [doar-se], mais experimenta, já neste mundo, [atenção às palavras!] uma maior realização de si”.<sup>77</sup> É uma experiência, não no além, mas neste mundo. São palavras que convidam à experiência, à verificação desta lei: doar-se traz uma maior plenitude à vida. Pois não é pelo raciocínio, não é tentando compreender o paradoxo que a pessoa vai para frente, mas olhando a experiência. Ninguém poderá nos convencer friamente, ou por meio de raciocínios, deste paradoxo: é somente se o sujeito vê que quanto mais ama, tanto mais é ele mesmo, que a vida é dom de si e que nesse doar-se não se perde, mas ganha a si mesmo. Isto é intuído quando, num relacionamento amoroso, o doar-se ao tu é a plenitude do próprio eu; quem quer que tenha amado entende isso. Quem quer que tenha amado alguém entende que, quanto mais ama, mais se doa ao outro, mais plenitude experimenta.

Isto nos faz entender qual é o caminho para pôr em discussão o sólio modo de mover-se no qual nós nos tornamos medida. Muitas vezes



ouvimos dizer: “Não faço isso até quando eu não entendê-lo”, ou seja, primeiro precisaria entender e depois fazer. Não! Nós não podemos entender se o nosso critério é a nossa razão como medida; ao contrário, é a experiência que torna esta lei evidente a mim mesmo. É por isso que Dom Giussani criou um gesto para ajudar-nos a entender esta lei partindo da experiência: a caritativa. Ele diz que, para entender, não basta saber, é necessário fazer.

É este o valor educativo do gesto da caritativa para todos, onde a pessoa aprende, verifica a lei da existência como dom. “A nossa natureza nos dá a necessidade de nos interessar pelos outros. [...] Nós vamos fazer caritativa para satisfazer esta necessidade”,<sup>78</sup> diz Dom Giussani, e ali, encontrando a necessidade do outro, diante de uma necessidade que tem alcance único, ao experimentar a minha desproporção, começo a entender a minha incapacidade de resolvê-la e a necessidade se torna mais consciente. Por isso, se queremos aprender esta lei, não devemos deixar cair este gesto educativo fundamental.

Diz Dom Giussani: “Nos é proposta uma personalidade humana como resultante de dois componentes: o sacrifício e o amor. ‘Quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, campos, por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, durante esta vida – casa, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições – e, no mundo futuro, a vida eterna’.”<sup>79</sup> É esta a experiência de quem começa a doar-se: cem vezes mais. Esta é a promessa: cem vezes tanto. Jesus não quer dizer que na vida presente a pessoa deve sacrificar-se, para depois alcançar a felicidade no além, na vida eterna, depois da morte, mas que entrar nesta dinâmica é o que nos permite antecipar a vida eterna aqui, no aqui, começar a participar agora da plenitude definitiva.

A lei da existência é o dom de si. “Toda lei é sempre – continua Dom Giussani – a descrição de um mecanismo estável. O homem enquanto tal (consciente e dotado de vontade) é um mecanismo fundamentalmente fixado. A descrição dessa estabilidade fundamental é dada pela chamada lei moral”.<sup>80</sup>

É necessário entender bem, portanto, esta lei, este mecanismo estável, pois muitas vezes nós o reduzimos a instruções para o uso, a moralismo: “Esta coisa é má porque é proibida pela lei” e achamos que, no fundo, se pulamos a lei nada de grave acontece. Concebemos a lei como convenção, não como a descrição do dinamismo correspondente ao eu. Como diz Heschel: “O princípio supremo da ética não é um imperativo, mas um fato ontológico. [...] Um ato não se torna bom pelo fato de nos sentirmos obrigados a cumpri-lo. Antes, sentimo-nos obriga-

dos a cumpri-lo pelo fato de que é bom”.<sup>81</sup> Por exemplo, ninguém deixa de cortar o próprio braço para não contrariar o quinto mandamento! Ninguém que corta o próprio braço pensa que apenas pulou uma regra de uso, que não foi coerente com uma regra, mas que causou um dano a si mesmo. A regra é a descrição de um bem, daquilo que eu sou e de qual é o modo verdadeiro, adequado, de relacionar-me comigo mesmo. Mas nós muitas vezes achamos que a lei, a regra, é somente uma coisa que nos impede de fazer o que queremos. Agora que cada um faz o que quer, acaba-se no niilismo, porque a lei não é apenas instruções de uso, mas a descrição de um mecanismo estável que nos faz entender qual é a natureza do nosso eu. O bem ao qual a pessoa adere é o que nos corresponde, e justamente por isto é bem: corresponde-nos mais ter um braço do que não tê-lo.

“Qual é o critério para estabelecer esta lei do agir humano? Para descrever um mecanismo, é necessário inicialmente olhar a sua função, a sua finalidade. Ora, sendo que o todo é a destinação do eu [sendo o nosso eu desejo de totalidade, um desejo ilimitado de totalidade], a lei deste [a nossa natureza, o dinamismo de nossa natureza] é dar-se ao todo”. Por isso, o eu encontra correspondência somente neste dar-se ao todo. Ao contrário, diz Dom Giussani, “fora da consciência do todo, o homem sentirá sempre algo assim como o tédio de um prisioneiro”.<sup>82</sup> Somos feitos para o todo, e se a pessoa perde esta consciência, esta abertura à totalidade, esta perspectiva aberta ao infinito, sente-se prisioneira. E como podemos livrar-nos dessa prisão, desse tédio quando estamos ali atolados no trabalho e na circunstância?

Olhem o título de um item de *Em busca do rosto do homem*: “A oferta: gesto da libertação humana”. “O gesto da oferta [do doar-se] realiza plenamente a libertação do homem [...]. É um gesto extremamente simples e sintético que todo homem pode realizar em qualquer condição, desde que lhe permaneça uma migalha de autodeterminação”.<sup>83</sup> O que nos permite respirar em qualquer circunstância é este gesto extremamente simples.

Este é o desafio que cada um de nós deve poder verificar, do qual deve poder fazer experiência para verificar se a proposta de Cristo liberta de verdade da prisão, do sufocamento na circunstância e do tédio. São Paulo o diz naqueles dois incomparáveis versículos da Carta aos Romanos: “Pela misericórdia de Deus, eu vos exorto, irmãos, a vos oferecerdes em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e de julgar, para que pos-

sais distinguir o que é da vontade de Deus, isto é, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito”.<sup>84</sup> Isto é, o apóstolo nos exorta: ofereci a vossa realidade concreta, segundo a totalidade dos fatores.

O que nos ajuda para isto? O real, que nos impele a procurar o significado para não sufocar na prisão.

Recentemente, uma pessoa me perguntava: “Como posso fazer memória de Cristo no trabalho?”. Eu lhe respondi: “E como você consegue trabalhar sem fazer memória de Cristo? Como você consegue viver no trabalho, na circunstância, sem a memória de Cristo, sem o respiro da oferta?”. O que podemos dizer acerca do trabalho vale também acerca do repouso: de fato, não é só porque o trabalho é pesado. Como você pode repousar, com toda essa necessidade de totalidade que você carrega, sem fazer memória, sem oferecer, sem escancarar o seu eu para o todo? Sem viver na órbita da totalidade, a pessoa não pode evitar sentir-se prisioneira e entediada. Como você consegue agüentar a si mesmo, viver a circunstância, tirar férias? Como podemos viver sem esse respiro do infinito? Por não aceitarmos isso, ficamos agitados e voltamos das férias mais cansados do que quando partimos, porque o repouso não é agitar-nos mais: é a abertura, a libertação que está no gesto extremamente simples e sintético da oferta, que não é passividade de uma pessoa que não tem nada mais a fazer. Só oferece de verdade, com uma razão adequada, quem expande a razão, porque “‘oferecer’ – lembra-nos Dom Giussani – significa reconhecer que Cristo é a *substantia* de toda a vida. Se um homem, enquanto estuda ou enquanto trabalha, diz: ‘Ofereço-te o meu estudo ou o meu trabalho’, se em um momento de dificuldade diz: ‘Ofereço-te o mal-estar e a incerteza do momento ruim pelo qual estou passando’, isto, antes de mais nada, quer dizer: ‘Reconheço que a consistência e a substância [isto é, o respiro], o tecido do instante que estou vivendo és Tu [ó Cristo]’”.<sup>85</sup>

É esta a pretensão de Cristo. Fora disto somos uns prisioneiros. Este é o alcance de Sua promessa, e com isto se compara tudo! Façam o que quiserem, mas comparem-no com todo o resto e vejam se existe alguma coisa que possa responder mais a esta necessidade de totalidade que carregamos a cada instante, em qualquer circunstância da vida, senão esta: que “o tecido do instante que estou vivendo és Tu [ó Cristo]. Reconheço que o que dá verdade ao estudo, ao trabalho, ao problema no qual me debato é a tua Presença”.<sup>86</sup> É este o verdadeiro reconhecimento de Cristo, pois não é um Cristo abstrato, mas o Senhor que está dentro do tempo e não vai embora mais. Que familiaridade com Cristo é necessária para que a pessoa em cada circunstância respire propriamente

dentro deste reconhecimento, pedindo que se revele, que se manifeste! “Se tu, ó Cristo, és a consistência do instante que vivo, da página que leio, do trabalho que estou terminando, da tristeza ou da raiva [sem nada excluir] que me tomaram, manifesta-te dentro de tudo isto”.<sup>87</sup>

Portanto, o ponto de partida é a experiência: somente na experiência desvela-se quem é Cristo e qual é o alcance da proposta que ele faz para que alcancemos a felicidade. Nós todos, ao menos em algum momento da vida, já fizemos esta experiência, mas muitas vezes ela não se torna uma mudança de mentalidade. Somos irracionais, não submetemos a razão à experiência e por isto continuamos a procurar, como se não tivéssemos entendido, como se não tivéssemos aprendido nada, como se a experiência tivesse sido inútil, e por isto a vida é mais cansativa. É conveniente olhar de frente esta experiência, pois toda a fadiga da vida consiste nisto, em entender estas coisas: quanto mais tempo nos é necessário, tanto maior é a nossa fadiga. Assim como a criança que, enquanto não tiver aprendido certas coisas elementares, quanto mais tempo gasta, maior fadiga experimenta. Toda a nossa dificuldade está exatamente nesta conversão: compreender o que é a vida, compreender que a vida é doar-se ao Tu. “A mudança [...] é compreender melhor o que somos”,<sup>88</sup> dizia Eliot.

Nesta altura – diz Dom Giussani – “é preciso notar que a finalidade da vida humana é atingida com os meios que estão à nossa disposição, com ‘aquilo que somos’”.<sup>89</sup> E são dois os meios que temos.

a) A instintividade. “É o que encontro em mim, o que me determina, me atrai, me estimula. É justamente através disso que o homem é introduzido ao serviço da realidade: um conjunto de dados do qual não pode prescindir”.<sup>90</sup> Para Dom Giussani a instintividade não é um obstáculo, algo a ser jogado fora, mas um meio, uma coisa da qual servir-se, da qual a pessoa não pode prescindir, porque o homem é introduzido ao serviço da realidade exatamente por isto.

No verão passado uma moça me escreveu: “Parece-me que no percurso de meu desejo até Cristo exista como que um momento crucial de drama grandíssimo. Como naquela canção russa, o homem vê uma mulher belíssima e se lembra da própria esposa, assim eu também, vendo as coisas, amando os homens, quero lembrar-me de Cristo, deste Tu, e felizmente me acontece, porém há um momento em que a gente deve arrancar de si a instintividade pela qual deseja agarrar o que tem diante de si”.

A primeira reação que surge é arrancar de si a instintividade pela qual a gente deseja agarrar o que tem diante de si. Como dizíamos hoje

de manhã: queremos jogar fora a nossa necessidade porque a consideramos uma fraqueza; agora queremos jogar fora a instintividade porque nos impulsiona a agarrar o que temos diante de nós.

Que maneira diferente de olhar tem Dom Giussani que, diante de nossa instintividade, diz: “Como é humano o humano, como é humana a humanidade”. Em vez de jogá-la fora, deve surgir a pergunta: “por que me é dada esta humanidade?”<sup>91</sup> Se Deus colocou em mim todo este conjunto de dados, para que estão aí? É para um bem: é a positividade com a qual Dom Giussani olha todos os dados do real, todas as coisas dadas por um Outro, é esse olhar de simpatia pelo humano, por todo o humano que há em nós.

“Sendo que sempre há esse momento dramático – continua a nossa amiga – eu queria que nem existisse a pessoa [qualquer coisa que me atraí] que passa na minha frente e me impressiona, não queria sentir tanto assim o fascínio das coisas, dos rostos, para não correr o risco de errar”. Parece muito humano: a pessoa quer amar e não quer errar e então, para não errar, a primeira idéia que lhe vem é: “Não queria sentir tanto assim o fascínio das coisas, dos rostos”. Queria cancelar a beleza que a atraí.

Primeiro queremos eliminar a instintividade e agora cancelar a beleza, sempre pelo mesmo motivo: poupar-nos do drama de viver.

Olhem como Dom Giussani revela a verdade daquilo que está por trás disto: “Se alguém quer bem a uma pessoa, de impulso [aceita sacrificar-se por ela] por aquela pessoa até morrer”. É natural isto. Entretanto “é por uma resistência dentro de nós que fugimos ao sacrifício. Resistência a quê? Não é resistência ao sacrifício [...], é uma resistência à beleza. É uma resistência [...] à verdade: não querer a verdade. É esta a imensa confusão do pecado original: chama-se mentira. A resistência ao sacrifício é por apego a uma mentira, é porque cedemos a uma mentira, é porque somos mentirosos [...]. [A nossa] é resistência à beleza e à verdade”.<sup>92</sup> Nós começamos a nos defender da beleza, daquela mesma beleza que nos mobiliza, que nos chama para Algo outro!

“Você fala sempre – continua a carta – para a gente nunca censurar a nossa humanidade, aliás, você diz que é exatamente ela que nos leva ao reconhecimento de Cristo. É verdade, já que eu estou aqui porque havia um lugar que não tinha medo de minha humanidade”. Sim, nós estamos em um lugar que não tem medo de nossa humanidade, que olha com simpatia a nossa humanidade, porque isto – como vimos hoje de manhã – é indispensável para o reconhecimento de Cristo, para o fascínio de Cristo. Temos necessidade de ambas as coisas: a nossa humanidade e o

fascínio de uma beleza que nos atrai. Se alguém não sente o fascínio das coisas e dos rostos, se quer cancelá-los, quer dizer que não sentirá nem o fascínio de Cristo.

É importantíssimo entender bem estas coisas, pois às vezes, diante da vertigem, diante do medo de errar, a tentação é eliminar a própria humanidade ou a beleza (que a coisa não nos atraía tanto assim): mas se eu elimino a minha humanidade e me torno uma pedra, se eu corto, decepto a minha humanidade, como posso comover-me diante de Cristo, como posso ser arrastado por Cristo? Por isto, não basta substituir a humanidade pelos princípios, como dizia Eliot: “Os nossos princípios não nos ajudam a compreender de verdade aquele Todo que rege o nosso apego às coisas mais de quanto um fragmento de frangalho humano consegue nos comunicar aquela viva beleza da carne que tanto amamos”.<sup>93</sup>

“Os sentidos, [...] que Deus criou – dizia ainda Paul Claudel – não são mesquinhos acólitos, mas são servidores nossos que percorrem o mundo inteiro, enquanto não encontram a Beleza”.<sup>94</sup>

Tudo isto nos é dado para encontrar a Beleza, para reconhecê-la. Eu não posso prescindir de minha humanidade, arrancar de mim a instintividade, porque é o que me determina, me atrai, me estimula, me introduz ao serviço da realidade. Portanto – segundo passo indicado por Dom Giussani –, é preciso perguntar-se para que esta humanidade me foi dada.

b) “Essa atração, estímulo, impulso contingente, têm uma finalidade. Por isto, o segundo fator é a consciência da finalidade própria deste feixe de instintividades. A natureza humana tem como fator de seu dinamismo não só a sua urgência, mas também a consciência do objetivo dessa urgência”.<sup>95</sup> Eu que possuo esta instintividade não sou apenas instintividade, mas um eu que tem consciência da finalidade em vista da qual a possuo, e sabe que esta energia, este ímpeto é feito para um fim. Só que não posso parar no meio do caminho, não posso travar o ímpeto que nos remete além, para evitar o sacrifício que ele comporta, o drama em que nos coloca.

Ao contrário, muitas vezes acontece aquilo que diz ainda a nossa amiga: “Assim, muitas vezes eu reduzo o meu desejo a capricho e Cristo a regra”. O desejo reduzido a capricho, instinto, reação. Mas, se o meu desejo é somente vontade sem finalidade, se esta instintividade, que pelo fato de estar no interior de meu eu tem o respiro do infinito, é reduzida a vontade e Cristo é reduzido a regra, é normal que a pessoa sinta medo. Fica somente o moralismo: travar a instintividade para evitar ir contra a regra.

Mas onde está a falsidade dessa redução do desejo a capricho, a instinto? Diz Dom Giussani: “O homem, ao contrário dos animais e das coisas, tem consciência da relação entre o seu instinto emergente e o todo, isto é, a ordem das coisas”.<sup>96</sup> O instinto não pode ser separado da totalidade do eu, com todo o impulso infinito que tem dentro. Portanto, não existe somente a vontade: eu sou uma instintividade que tem consciência do fim, que tem toda a abertura ao infinito. Até um sujeito como Pavese o reconhece: “O que o homem busca no prazer é um infinito, e nunca alguém renunciaria à esperança de alcançar esse infinito”.<sup>97</sup>

Qual é então a finalidade desta instintividade, desta urgência? Diz ainda Giussani: “Ordenar o instinto ao objetivo, isto é, ao Todo, [isto] é o dom fundamental de si ao todo”.<sup>98</sup> Esta instintividade, urgência, energia (este conjunto de dados) nos é dada para doar-nos, para ordená-la ao todo, pois é doando-se ao todo que o homem se encontra, como a experiência amorosa sugere. “O amor – diz o papa Bento na encíclica – é ‘êxtase’; êxtase, não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus”.<sup>99</sup>

O ideal cristão não é ser pedras, afetivamente deficientes; a questão é que a minha energia, todo o meu desejo de plenitude, com a minha instintividade, encontra cumprimento somente no ato de doar-se ao todo, no doar-se ao infinito.

“Como nada há no mundo que seja inútil [...], o desejo de possuir, a vontade de possuir se torna princípio para começar a longa caminhada em direção ao *Tu*”.<sup>100</sup> É isto que muitas vezes nós não somos capazes de fazer, e portanto ou resvalamos na instintividade, ou deceparamos a nossa humanidade. E como este caminho nos parece misterioso, na tentativa de compreendê-lo, acreditamos: primeiro há o distanciamento e depois a gente afirma esta coisa. Diz Dom Giussani numa passagem: “Não. É o oposto! Não ‘primeiro há o distanciamento e depois há a verdade’: existe a verdade e *depois* o distanciamento”.<sup>101</sup> Esta é a pretensão de Cristo: somente porque existe a verdade, onde o homem pode ver realizada toda a sua vida, toda a sua afeição, ele pode relacionar-se de forma verdadeira com tudo.

Relata um universitário a um amigo acerca de sua reação frente a uma proposta indecente: “Ela era bonita, e eu estava prestes a dizer sim, queria dizer sim, mas quando comecei a responder meus olhos se encheram de lágrimas, graças a Deus. Parei um instante e pensei na ‘jornada de início do ano’, no fato de ter que dar a si mesmo as razões

de tudo, de dá-las aos meus amigos. E assim eu disse não, porque lhe queria bem e eu estava convicto de que aquilo era a coisa mais instintiva e sem razões que pudéssemos fazer”.

Isto não acontece somente na relação com uma pessoa, acontece na relação com as coisas, na relação com tudo. Um grupo de amigos, diante da tentativa de viver o poder ou os interesses, perguntava-me: “Como podemos viver de modo a não sucumbir ao poder ou aos interesses?”. Sabem o que eu respondi? Falei a eles da virgindade: somente se há a verdade, se há Cristo, se há algo que realiza a vida mais do que qualquer outra coisa, então a pessoa pode viver em uma relação de verdade com tudo: com o outro, com os interesses, com o poder e com as coisas. Teremos afinal a coragem de verificar esta proposta de Cristo, de verificar até o fundo se a proposta de vida que Cristo nos oferece como realização do nosso humano, portanto da nossa afeição, é capaz de responder, ou ficaremos sempre no meio do caminho?

Somente a verdade, somente a beleza de alguma coisa que eu vivo torna possível não ceder à instintividade. Não se trata de decepar ou de censurar, mas de ordenar o instinto submetendo-o à finalidade, de ter alguma coisa mais potente, que tenha um atrativo maior, de modo que todo o meu ser, com todas as minhas energias, seja arrastado por ela.

Mas como posso ordenar o instinto, o desejo ao todo? Dom Giussani alcança aqui o cume: “Não é humano dar-se, senão a uma pessoa; não é humano amar senão a uma pessoa. O ‘todo’, em última análise, é a expressão de uma pessoa, Deus”.<sup>102</sup> Por quê? Porque é o único que corresponde a toda a minha espera, a todo o meu desejo de infinito, a toda a necessidade de felicidade à qual a minha humanidade me impele. Somente isto pode ordenar tudo.

“Acima da atividade das faculdades da alma – diz Julian Green – existe algo mais profundo e essencial, e quando esse instinto profundo é ordenado e orientado para Deus, então todo o resto é ordenado; mas se esse instinto profundo se desvia de Deus, todo o resto é desviado, quer o homem perceba, quer não”.<sup>103</sup> Ora, Deus, o Mistério, se permanece distante e abstrato, não tem condição de atrair toda a nossa humanidade. Por isso era necessária a encarnação, era necessário – como intuiu Leopardi – que a Beleza, com B maiúsculo, se revestisse de “sensível forma”, se tornasse carne. Era necessária uma “presença afetivamente atraente” para atrair toda a minha energia, toda a minha afeição, todo o meu desejo em direção a Ele.

Por isso, a única esperança é esta: “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é!”.<sup>104</sup> Sem isto, poderemos errar quanto quisermos, poderemos res-



valar ou decepar, mas nada resolveremos, porque nem a instintividade, nem o moralismo podem resolver o problema da pessoa, o problema de alguma coisa que de verdade consiga responder adequadamente a toda a necessidade de totalidade. Por isso, sem a beleza de Cristo presente que nos atrai todos não há possibilidade de cumprimento do humano, não há possibilidade de nos tornarmos pessoas afetivamente realizadas.

São Tomás dizia: “A vida do homem consiste no afeto que principalmente a sustenta, e no qual encontra sua maior satisfação”.<sup>105</sup> Onde está a verdadeira satisfação, aí está a resposta ao problema afetivo do homem.

Somente um cristianismo como beleza, como atração, é o único capaz de responder ao desafio do coração, o único capaz de encarar, de enfrentar esta necessidade de totalidade que o coração possui, o único capaz de vencer a distância, se o coração cede à sua atração.

Sem Cristo não há plenitude, e portanto não há virgindade, que permite uma relação verdadeira com tudo: com as coisas, com as pessoas, com sua mulher, com os filhos, com aqueles que trabalham ao seu lado, sem que o poder decida tudo. Uma relação gratuita, uma relação de uma pessoa afetivamente realizada, que não usa os outros para preencher o vazio que ainda resta. Sem isto, todo o moralismo é inútil, porque cedo ou tarde sucumbimos.

Por isto o Papa usa em tantas ocasiões a palavra “atrai”: “Deus encarnado atrai-nos”<sup>106</sup> e repete continuamente o verbo “atrair”, o verbo “arrastar”. Santo Agostinho diz: “Se o poeta pôde dizer [ele cita Virgílio, Ecl. 2]: ‘Cada um é atraído pelo seu prazer’, não pela necessidade mas pelo prazer, não pela coação mas pelo deleite; com maior razão podemos dizer que se sente atraído por Cristo o homem que encontra seu deleite na verdade, na bem-aventurança, na justiça, na vida eterna, enfim, em tudo o que Cristo é”.<sup>107</sup>

A vida é doar-se, amar Cristo, encontrar Nele a satisfação. Por isso, se Cristo é somente regra e não a presença afetivamente atraente, é impossível que realize afetivamente o homem. É aqui que se vê o alcance da promessa de Cristo. Quando a pessoa provou que nada a satisfaz, começa a entender que talvez lhe convenha abrir-se a Ele.

Uma de vocês me dizia: “Quando o ouvi falar de uma promessa de infinito e felicidade, que se acende com o enamoramento e da incapacidade estrutural do outro de satisfazer esta promessa, impressionou-me: você falava da ferida que isto determina e do fato de que desta ferida brota o pedido de Cristo. Estas coisas me marcaram muito, muito e

não paro de repensar nelas: quão verdadeiras elas são e como arde a ferida de uma promessa insatisfeita! Cada um de nós pode pensar em mil situações, em mil facetas desta grande verdade, mas eu queria lhe perguntar: como manter aberta esta ferida? Parece-me humanamente insustentável sustentar uma tal postura. Uma promessa tem necessidade de ser cumprida antes ou depois, e se o depois é demasiadamente longínquo no tempo e a espera se torna demorada, nos desgasta. Eu pessoalmente caio regularmente nestas duas opostas e contraditórias posturas: ou me anestésio procurando satisfação em mil atividades que me contentem um pouco e me dedico a mil relacionamentos superficiais, nos quais eu não sinto demais a solidão, ou então emerge o cinismo, a dúvida de que uma verdadeira humanidade diferente não seja possível. Sim, diria que é uma falta de fé”. É impossível que uma pessoa cedo ou tarde não se pergunte: mas Cristo, a promessa de Cristo é capaz de cumprir?

É aqui que somos novamente chamados a um salto na relação com Cristo, é aqui que se vê a promessa. Jesus se apresenta como o centro da afetividade e da liberdade do homem: pondo-se a si mesmo no centro dos próprios sentimentos humanos, ele se coloca com pleno direito como sua raiz verdadeira. De tal forma Jesus revela o alcance da promessa. Jesus tem a pretensão de que somente seguindo-O o homem pode encontrar verdadeiramente resposta a isto. Como diz São Gregório de Nissa: “Somente aquele Bem [com B maiúsculo] é verdadeiramente doce e desejável e amável; o gozo dele se torna sempre mais um impulso a um desejo maior”.<sup>108</sup> E continua: “O desejo, cada vez que é saciado [começa a encontrar resposta agora, não remete tudo à vida eterna] produz um novo desejo da realidade superior. Portanto, já que foi tirado [da alma] o véu do desespero e ela viu a infinita e ilimitada beleza do objeto amado [...] ela se protende num desejo sempre mais forte”.<sup>109</sup>

Será que nós alguma vez iremos correr o risco de verificar esta promessa até o fundo?

Somente quem a verifica é que vê como não se deve decepar o seu desejo, e como acontece milagrosamente aquilo que dizíamos ontem: a conversão do desejo. A pessoa começa a desejar, surpreende-se começando a desejar Aquilo que a realiza e começa a desejar cada vez mais aquele Bem, aquela Presença na qual o coração encontra satisfação, não para extingui-lo, mas para desejá-lo sempre mais. É um desafio tão revolvedor, tão dramático, que somente sendo capazes de aceitá-lo poderemos ver o cumprimento.

## Conclusão

Concluo com o que diz Dom Giussani no final deste capítulo belíssimo: “Jesus Cristo não veio ao mundo para substituir-se ao trabalho humano, à liberdade humana ou para eliminar a provação humana. [...] Ele veio ao mundo para chamar a atenção do homem para o fundo de todas as questões, para sua estrutura fundamental e para sua situação real. [...] Jesus Cristo veio chamar o homem para a verdadeira *religiosidade*, sem a qual toda pretensão de solução é uma mentira”.<sup>110</sup> O amor, a política, o trabalho, tudo se torna confuso se não se vive bem esta religiosidade.

Por isso a vida é uma caminhada, uma tensão. “A concepção da vida humana em Jesus Cristo é, portanto, essencialmente uma tensão, uma luta [...]; é um caminho”.<sup>111</sup>

“Bestiais como sempre – dizia Eliot –, carnais, egoístas, interesseiros e obtusos como desde sempre o foram, / E ainda como outrora em luta, sempre reafirmando e restringindo os passos a um périplo de luz iluminado; / Quase sempre claudicantes, perdulários do tempo, extravadios, lerdos e retrógrados, seguindo sempre o mesmo itinerário”.<sup>112</sup>

A vida “é um caminho, uma busca – busca da própria realização, isto é, do verdadeiro ‘si mesmo’”.<sup>113</sup>

Bento XVI falou assim de Santo Agostinho, em Pavia: “Seguindo atentamente o curso da vida de Santo Agostinho, podemos ver que a conversão não foi um acontecimento de um único momento, mas precisamente um caminho”.<sup>114</sup>

É a este caminho que nós todos somos convidados. E Dom Giussani termina o capítulo com uma frase genial, que eu leio e concluo: “Reconhecer e seguir Cristo (fé) gera assim uma atitude existencial característica, pela qual o homem é um caminhante ereto e incansável rumo a uma meta ainda não alcançada, certo do futuro, porque completamente apoiado na Sua presença (esperança); no abandono e na adesão a Jesus Cristo floresce [atenção!] uma afeição nova para com tudo (caridade) que gera uma experiência de paz, a experiência fundamental do homem em caminho”.<sup>115</sup>

# *Domingo, 6 de maio, manhã*

*Na entrada e na saída:  
Cantos Bascos, Grupo Vocal Oldarra,  
“Spirto Gentil”, distribuição Universal*

**Padre Pino.** Daqui a pouco cantaremos, no hino de domingo: “A nós, como já a Madalena, revele-se o ressuscitado. Nos chame e nos venha ao encontro Aquele já morto e ora vivo”.

No caminho da vida, no passo de cada dia, a nossa humanidade vive como consciência, como afeição, só se existe essa iniciativa: a iniciativa do Mistério que nos encontra e nos chama pelo nome. Todas as vezes que rezamos o *Ângelus*, 26.000 pessoas como hoje ou sozinhos indo trabalhar, arrumando a casa, é essa evidência que arrasta qualquer tentação de medida, qualquer mesquinhez da nossa pequena fé: “Cristo atraí-me todo a si, tão belo é”.

*Ângelus*

*Laudes*

## ■ ASSEMBLÉIA

**Giancarlo Cesana.** Juntamos as perguntas que apareceram nas assembléias de hotel de ontem à noite e escolhemos estas. A primeira vem da Hungria: “Como olhar para a necessidade com simpatia e não como uma etapa a ser superada? Ou seja, como considerar que a fome não seja eliminada pela comida e que ter um pouco de apetite pode fazer saborear melhor a refeição?”.

**Julián Carrón.** Quem é que tem o problema de eliminar a necessidade da fome? Quem não tem comida. Quem tem comida, tem o problema de eliminar o gosto, o desejo, ou quer ter o desejo para saborear a comida? A pessoa deseja que isto seja uma etapa a ser superada ou desejaria ter sempre toda a sua humanidade ajustada para saborear um bom vinho ou uma boa comida? Isto indica até que ponto nós nos afastamos da nossa experiência, pois o que aparece na experiência, se a pessoa a observa, é que a necessidade, nesse caso a fome, está a serviço de uma outra coisa, porque sem fome eu não poderia saborear uma boa comida ou um bom vinho.

A mesma coisa vale para a necessidade de ser amado. Quem é que tem o problema de superar a etapa de ser amado, de ter necessidade de ser amado? Quem ainda não encontrou a pessoa amada. Quem encontrou a pessoa amada não sente a urgência de superar essa etapa: tem o desejo constantemente desperto de revê-la ainda, de ir procurá-la. Não pensa de forma alguma: “Agora superamos esta etapa, de tal modo que não me interessa mais absolutamente que ela exista ou não exista”. É uma abstração, pura e dura. Para nós, tantas vezes, o cristianismo é uma abstração! Quando falamos do cristianismo como falamos das coisas reais, não funciona desse jeito, e a nossa dificuldade para entender é porque para nós é uma abstração. Por isso, se não fazemos a experiência, se não olhamos para a experiência, não entendemos e nos debatemos em coisas confusas.

Os discípulos não tinham esse problema, tanto é verdade que desde o início a Sua presença se demonstrou tão decisiva que, quando acordaram no dia seguinte, eles se surpreenderam desejando ir encontrá-lo e não se preocuparam em superar essa etapa. E quanto mais O encontravam, tanto mais tinham o desejo de ir encontrá-lo de novo, porque a sua necessidade era abraçada, totalmente tomada por um Outro, olhada na companhia de um Outro. Por isso eu desejo para mim, assim como desejo para vocês, que o desejo, que a necessidade não seja uma etapa a se superar, pois isso significaria que nós não encontramos nada de que temos necessidade para viver. Encontraremos muitas pessoas na vida que falam de Cristo até enjoar, mas quantas dessas pessoas vocês conhecem que têm necessidade de Cristo para viver? Para viver! Para se levantar de manhã, para ir trabalhar, para olhar a si mesmo, para olhar a própria necessidade... para viver! Do contrário, que me importa ser cristão?

**Cesana.** Portanto, a necessidade não é só a expressão de um limite, é também a condição para poder saborear a resposta.

**Carrón.** Exato.

**Cesana.** Pois do contrário é abstrata a humanidade.

**Carrón.** Sim.

**Cesana.** Agora tem uma série de perguntas sobre o desejo.

“Se o desejo é para a felicidade, por que uma pessoa pode ter medo da própria humanidade a ponto de opor resistência ao próprio desejo?”.

**Carrón.** Porque estamos sozinhos! Temos medo do nosso desejo assim como uma pessoa tem medo da fome por não ter comida. Temos medo do nosso desejo porque somos sozinhos, porque nos concebemos sozinhos, e sozinhos não conseguimos, não podemos viver com esse desejo. Por isso temos de nos distrair, de procurar algo que nos afaste de nós mesmos, do nosso desejo. É difícil encontrar pessoas que na maneira de viver coincidam consigo mesmas, que estejam totalmente presentes a si mesmas, pois para estar presentes a si mesmos é necessário ter diante de si a Presença que realiza o desejo.

Mas é possível, amigos, é possível! A vida é maior do que a nossa filosofia, porque Cristo existe, mas é necessário estar dispostos a um caminho no qual isso se torne cada vez mais experiência. É possível: a vida é muito mais do que aquilo que normalmente nós consideramos vida, e pode adquirir em tudo uma plenitude, uma intensidade do outro mundo, neste mundo: cem vezes mais, cem vezes mais! O desafio que o cristianismo coloca para a vida, para alguém que tem o desejo de viver, está nesse nível.

A pessoa pode dizer: “O que eu sinto agora são balelas”, ou pode ao menos começar a pensar que talvez possa ser assim. Eu não poderia nem mesmo falar disso, não poderia sequer imaginá-lo, porque não é possível imaginar o cristianismo antes que ele aconteça, tanto é verdade que nós, após dois mil anos de história, não podemos imaginá-lo sequer agora; depois de ter escutado e vivido o cristianismo por anos, nem mesmo agora acreditamos que seja possível. Imaginem-se uma pessoa que não o tivesse experimentado poderia supor ou pensar. É um desafio, porque nos encontramos frente a uma presença que testemunha Algo outro.

**Cesana.** “Então, que significa que a conversão acontece no desejo, uma vez que nós imaginamos que a conversão, ao invés, diga respeito ao agir ou à mentalidade?”.

Além disso, há uma outra pergunta muito freqüente: “Pedimos uma ajuda sobre como se faz para ordenar o instinto à finalidade”. De um lado, há quem reduz o desejo por não ter a resposta, de outro lado, há a ditadura do desejo: tenho sede – como dizia Santo Efrém –: tenho sede, vou até a fonte e a esvaizio.

**Carrón.** A primeira pergunta é a demonstração de que para nós o cristianismo, apesar de tudo, raspa, raspa, é um moralismo, ou seja, algo a ser feito, uma regra a ser seguida.

Às vezes as pessoas me dizem: “Se eu pudesse seguir o meu desejo, eu faria isso, mas já que sou um moralista convicto e a Igreja me diz pa-

ra não fazê-lo, eu não faço; mas se eu pudesse eu faria”. Por isso somos sempre deficientes afetivamente, somos paralisados, porque não aceitamos o risco da verificação de Cristo. Para todos, para a maioria é isto: uma regra. O desejo reduzido a vontade e Cristo reduzido a regra. Essa é a questão. Mas se a pessoa começa a fazer experiência da satisfação, de que existe algo que satisfaz, então começa a deslocar o desejo; em vez de fazer besteiras que não preenchem, começa a escolher uma outra coisa que preenche. Aquilo que eu desejava, eu deixo porque é menos, me dá menos satisfação, me preenche menos do que aquilo que começo a saborear. Se Cristo não é isso, a pretensão cristã é uma mentira, porque Cristo no fundo não cumpre, não é capaz de cumprir a promessa.

Mas se a pessoa começa a fazer experiência desse cumprimento da promessa, aquilo que se desloca é o desejo: eu desejo mais isto do que aquilo que eu desejava antes, porque me realiza mais, e já que não sou bobo, já que obtenho mais a plenitude nesta coisa – vocês ficariam agarrados a uma comida da qual não gostam mesmo tendo experimentado uma outra que lhes agrada mais? – o desejo se desloca. Ou não? Olhem para a experiência, é só por moralismo que uma pessoa pode dizer: “Não, eu prefiro ficar aqui”. Ao invés, não! Desloca-se o desejo. Depois você pode ter ou não dinheiro para pagar aquela comida, esta é uma outra questão, mas se ela pudesse comeria sempre aquela comida, e já que a “comida” da qual se fala inclusive é de graça, seria uma burrice... não aproveitar.

“Cristo atrai-me todo a si, tão belo é!”. Esse é o alcance da promessa de Cristo, que é promessa porque é real, e por isso desafia o nosso desejo, até deslocá-lo. Conversão do desejo: desloca-se o desejo para um outro lado. Se não for assim, podemos continuar a fazer toda a profissão de fé do Credo, mas não cremos; podemos ser ortodoxos até a medula com a doutrina justa, mas não acreditamos que exista Algo na história capaz de responder ao desejo do homem, e por isso Cristo não é a resposta, mesmo se formos ortodoxos até a medula: ortodoxos, doutrina certa, depois a prática é errada. Mas não se vive de doutrina certa, porque o cristianismo não é a doutrina certa; o cristianismo é a doutrina feita carne, da qual posso fazer experiência. O *Logos*, a Beleza se tornou carne, e por isso posso fazer experiência dela.

Somente isso explica que todo o dinamismo humano que encontro em mim (chamado instinto, conjunto de dados) é dado para eu aderir àquela Presença que é o objetivo para o qual foi feito. Esse conjunto de dados, desejo, instintividade, tudo me foi dado para aderir, para que eu possa pegar e aderir: a mão me é dada com a finalidade de aderir, de pegar alguma coisa, de possuir no sentido verdadeiro da palavra. A

única questão é descobrir, ser disponível a fazer um caminho, de maneira tal que aos poucos a pessoa comece a orientar – justamente pela atração da beleza – tudo para essa finalidade, e aí começa realmente a entender: “Agora entendo por que me foi dada a instintividade, por que me foi dado o desejo, por que me foi dada a necessidade”. Por quê? Porque o Mistério me fez assim. E não me fez como um cachorro, com um conjunto de desejos mais reduzido, porque queria me fazer participar de uma plenitude do outro mundo, a plenitude Dele. Por isso é o desejo Dele que, aos poucos, revela-se aos nossos olhos. Cristo nos revela qual é a finalidade realizando-a. É como uma pessoa que, em certo momento, tem o desejo ainda todo confuso de ser amada e está desejando, e pensa: “Isto não me basta”, “isto não me basta”, “isto não me basta”, “nem isto”, “nem isto”... Aparece a pessoa amada e ela diz: “Agora entendo! Agora entendo o que eu desejava no meio dessa confusão. Eu estava na escuridão, mas quando ela (ou ele) apareceu, respondendo à minha necessidade, eu entendi por que tinha todo esse conjunto de dados, toda essa minha humanidade voltada para uma outra coisa. Então toda a instintividade, todo o desejo, toda a minha humanidade, toda a minha necessidade é ordenada para a finalidade”.

Isto é uma educação, é um seguir, ou seja, é um deixar-se arrastar pela beleza. Por exemplo, uma pessoa que é arrastada por essa beleza ordena todo o seu próprio desejo de aplaudir para a finalidade: a beleza do gesto, aí então trava. Não trava porque diz de forma moralista: “Preciso me segurar para não aplaudir”, mas porque está tão voltada para a finalidade, tão voltada para a beleza que toda a sua energia não tem necessidade de deixar-se tomar pela instintividade e bater palmas (como, ao invés, aconteceu nesta manhã durante os cantos). Considerem a ordem e os cantos nos nossos gestos: por que muitas vezes não suportamos um outro modo de ficarmos juntos, de cantar? Porque é mais bonito, porque nós fomos educados a uma beleza do outro mundo. Por isso, não renunciamos a nada; nós fomos educados a ordenar todo esse conjunto de dados (dos quais os outros vão atrás como uma instintividade que não compreendeu a finalidade), nós fomos educados a ver que é mais bonito quando a instintividade é toda atraída, facilitada, arrastada pela finalidade. E não tem comparação: até a última pessoa que chega reconhece isso na modalidade com a qual cantamos, na modalidade com a qual estamos juntos. Foi uma educação. Assim é a vida: é para um mais. Ordenar o instinto à finalidade, em qualquer coisa, é para esse mais, não para um menos, não para um engano, não porque “não posso”. Não, não, não: é para um mais. Ninguém se queixa quando vê outras formas de ficar



junto: “Por que não somos como eles?”. Preferimos os nossos cantos, a intensidade com a qual cantamos e com a qual cuidamos dos cantos. Não podemos trocar isso por uma outra coisa qualquer.

**Cesana.** Portanto, você diz que o fator que favorece a conversão do desejo, necessário para a conversão do desejo, é a presença do objeto do desejo.

**Carrón.** Com certeza!

**Cesana.** Ao invés, a tentação que temos é trabalhar sobre o desejo, por exemplo trabalhamos sobre o desejo da mulher prescindindo da presença da mulher.

**Carrón.** É isso que eu chamo de um moralismo. Ou seja: temos de fazer assim porque nos disseram pra fazer assim e não porque a pessoa se apaixonou, encontrou a mulher e então diz: “Bonito! Eu quero”, ou então viu alguém cantar de um certo modo, ou viu uma certa ordem... Bastou uma pessoa – Dom Giussani – que possuía isto e nos testemunhou. Dessa autoridade nasceu um povo, porque facilitou para todos verem essa beleza, saboreá-la, desejarem essa Beleza, e agora não podemos nos contentar com menos.

**Cesana.** Então a ditadura do desejo não consiste tanto em ter desejos exagerados, ou agudos, quanto em ter desejos sem objeto.

**Carrón.** Exato! Como uma mina à solta.

**Cesana.** Desse ponto de vista, a próxima pergunta é: “Me parece, por um lado, que a minha vida seja uma verificação contínua da verdade desse caminho; por outro lado, a sua insistência sobre correr o risco para verificar essa promessa me faz intuir que requer um trabalho mais profundo. Que trabalho?”.

Há também esta outra pergunta: “Até hoje eu pensava que fosse suficiente a disponibilidade do coração (desejo). Ao passo que você nos pediu um trabalho. Como posso não encarar esse trabalho como um esforço meu de adequação?”.

**Carrón.** Para nós, muitas vezes, “empenho” é igual a “moralismo”, e por isso usar a palavra “trabalho” ou a palavra “colocar algo em movi-

mento” é sinônimo de moralismo. Não! Uma pessoa que gosta de futebol, faz um esforço, se empenha. E se uma outra lhe diz: “Por que você não fica em casa? O jogo vai ser transmitido pela TV mesmo?”. “Não, não é a mesma coisa ver o jogo pela televisão e ir ao estádio!”. Uma pessoa que gosta de futebol, justamente pela beleza, se empenha, faz um trabalho. A pessoa se apaixonou: “Por que não basta telefonar para ela? Você mora a duas horas de carro...?”. Porque não é a mesma coisa.

Nós entendemos que algo nos aconteceu, se nos colocamos em movimento. Por isso a contraposição, às vezes difundida entre nós, pela qual o cristianismo é maravilhamento e não empenho, é uma besteira monumental, pois se você gosta de uma coisa, você se mexe: exatamente porque lhe maravilha, desencadeia toda a sua humanidade. Tanto é verdade que Giussani – como lemos ontem – diz que Cristo é o único gênio que foi capaz de valorizar todos os aspectos do humano e os fez virem à tona, isto é, pôs em movimento toda a nossa humanidade, despertou o desejo de ir atrás dele, de novo atrás, num dia, no outro dia e no dia seguinte também. Esse é um trabalho, um empenho, diz a Escola de Comunidade. Sem isto, sem a liberdade que adere, eu não posso experimentar a realização da promessa. Se você não compartilha a vida, se não há convivência, que razão existe? Do que você está me falando? Que tenhamos a vontade, o desejo de saborear aquilo que pressentimos no encontro, nós só podemos alcançar isso, até o ponto de se tornar nosso, por meio de um trabalho.

Eu desafio todos vocês a me trazer alguma página de Dom Giussani (pensemos por exemplo em *O senso religioso* ou *Na origem da pretensão cristã*) sem encontrar, ao mesmo tempo, o fato e o chamado de atenção constante para a liberdade, isto é, para um empenho humano. Se existe alguém na Igreja de Deus que chamou a atenção para a liberdade, que não a poupou de ninguém, chama-se Dom Luigi Giussani. Não quis entrar às escondidas: nos ofereceu, com toda a sua liberdade, a proposta e nos chamou a fazer uma verificação. Se nós não seguimos, se não nos empenhamos nessa verificação, se não há um empenho da nossa liberdade nessa verificação, se eu não aprendo a usar a razão assim como ele me diz, se eu não aprendo a viver a oração como ele me diz, se eu não aprendo a me colocar diante do real como ele me diz, se eu não aprendo a estar junto como ele me diz, eu não posso experimentar isso.

Podemos estar na nossa companhia e sermos passivos, ter a presunção de achar que baste ficar no rebanho. Como aquele aluno que pensava já fazer o suficiente simplesmente pelo fato de ir às aulas: “Olhe, não me peça mais do que isso. Vim até para os Exercícios, agora não

me peça também para trabalhar!”. Eu não quero prometer a vocês nada sem dizer todas as razões. Eu não lhes prometo que isso possa se tornar de vocês se vocês não se empenharem, porque eu não conheço um outro caminho senão o do empenho.

**Cesana.** Por isso não dá mais pra ir à Escola de Comunidade como se vai ao teatro ou ao cinema, esperando que alguma coisa aconteça.

**Carrón.** Evidente.

**Cesana.** E, como diz Dom Giussani no texto sobre a Quaresma, *Deus é misericórdia*, precisamos parar de dizer: “É difícil”, porque o problema não é a dificuldade, que é inevitável, mas é a finalidade.

**Carrón.** Exato.

**Cesana.** “Que significa que a companhia está no eu?”.

**Carrón.** Significa que se uma pessoa toma consciência de si, neste instante, a coisa mais evidente é que não se faz por si mesma. Isto é, se eu tomo consciência de mim mesmo, se me dou conta do que eu sou, se tomo consciência desta vibração do meu eu agora, eu me dou conta de que não me faço por mim mesmo. Se quiserem a verificação disso, basta simplesmente pensar: “Você pode garantir para si mesmo um instante a mais da vida?”. Se uma pessoa tem um infarto agora, pode dar-se um minuto a mais? Ao seu filho você pode dar um minuto a mais? Aos seus amigos pode dar um minuto de vida a mais? Nós, todos juntos, podemos dar a vida ao nosso amigo? Se não podemos fazer isso nós mesmos, nem todos juntos, e nós temos a vida, então quem a dá para nós?

Sabem qual é o problema? É que nós consideramos tudo óbvio, vivemos como crianças, dando por óbvio que o eu existe, que é por si mesmo que existe, que nós existimos. Ao contrário, o eu não existe por si mesmo. É isso que temos que começar a colocar em crise: não existe por si mesmo. Então, quando uma pessoa começa a perceber que não existe por si mesma, entende que cada instante da vida lhe é dado e que se neste instante ela vive é porque existe um Outro. Então uma pessoa começa a dar-se conta de que dizer eu – como diz Dom Giussani – significa dizer: “Eu sou Tu-que-me-fazes”. Isto é só um exemplo do trabalho que é necessário fazer. Durante anos eu li aquela página de *O senso religioso*, capítulo X, item 4, em que se diz isso (eu conto para vocês, porque é

fundamental ajudar-nos a entender o que significa esse trabalho); eu podia dizer que sabia que “eu sou Tu-que-me-fazes”, que eu neste momento não me dou a vida; mas eu estava muito, muito longe de dizer “eu tenho a consciência de um Tu que me faz”. Eu sabia, mas não dizia “eu” dessa forma, normalmente. Essa é a diferença – dizia Dom Giusani em um dos últimos encartes de *Passos* – entre o saber e o conhecer segundo a Bíblia. A Bíblia indica o conhecimento como uma familiaridade pela qual torna-se tão familiar dizer “eu” tendo dentro essa presença, que a pessoa descobre que a companhia está no eu.

É fácil. Digam-se, vocês que têm filhos, se vocês conseguem dizer “eu” sem pensar nos seus filhos. Em certo momento da vida, eles se tornaram tão familiares que vocês não podem dizer eu sem eles. Pensem em quantas vezes lhes passou pela cabeça dizer “que vou fazer neste fim de semana?” sem pensar neles. Primeiro vocês têm de ajeitá-los! Nada de dizer “eu” sem os filhos... vocês os têm até dentro da cabeça! Isso quer dizer que os seus filhos estão dentro do eu, estão dentro da modalidade com a qual vocês dizem “eu”.

Eu quero dizer “eu” com essa consciência do Mistério, com a mesma consciência com a qual vocês dizem “eu” incluindo os seus filhos. Vocês podem estar nas Bahamas, numa praia estupenda e pensar: “E os meus filhos?”. Não acontece só quando estão em casa, mas também quando vocês estão longe; não podem evitar pensar neles, de tanto que eles os constituem.

Cristo se tornou uma companhia, assim como os filhos para vocês se tornaram uma companhia tão real, tão fortemente real que, no fim, vocês se surpreenderam dizendo “eu” com essa consciência. Para isso é que Cristo veio: fez-se companhia histórica, real, nos colocou junto aos outros, nos deu filhos, amigos para que o nosso eu seja tão investido pela presença dos outros a ponto de não podermos dizer “eu” sem eles. Mas isso muitas vezes é a coisa mais estranha que existe entre nós, porque para nós os outros são como um pedágio a ser pago e não a modalidade com a qual digo “eu”, uma modalidade na qual estão inseridos os outros; eu desejo que estar aqui nos torne tão presente o Mistério, até o ponto que se torne, justamente por esta presença neste lugar, tão familiar como os seus filhos. E nós podemos estar aqui, agora, vinte e seis mil, de modo que amanhã de manhã ao acordar alguém, justamente por esse estar junto no qual se fez presente o Mistério, se surpreenda com essa consciência do Mistério, assim como alguém que acorda com a consciência dos filhos. Se não for assim, o nosso estar junto, antes ou depois, não nos interessará mais.

**Cesana.** Portanto, a companhia não é somente um fator de correção, é justamente a possibilidade também de gostar de si mesmo. Essa é a razão pela qual Deus se encarnou, isto é, se tornou um fator estético.

**Carrón.** Certo!

**Cesana.** “Que quer dizer então que Cristo está presente a cada instante em ‘sensível forma’? Se eu não o reconheço, ele está presente do mesmo jeito? Cristo existe agora, se eu entendo que existe?”. E ainda: “Existem momentos nos quais não vejo nada de bonito, nem na comunidade, nem na realidade. Eu me pergunto se Cristo nestes momentos está ausente ou se sou eu que não consigo ver essa beleza”. Ou ainda: “Se Cristo é assim tão belo, por que é tão difícil viver essa dependência?”.

**Carrón.** Eu lhes digo simplesmente: se todas essas perguntas tivessem sido feitas pelos discípulos, o que Jesus teria respondido?

Primeiro, eles não lhes teriam feito algumas perguntas. Não digamos que todas as perguntas são verdadeiras: algumas perguntas demonstram exatamente que não sabemos de que falamos. Vocês acham que Cristóvão Colombo teria se perguntado: “Será verdade que eu descobri a América?”. Vocês acham que em algum momento ele terá tido a dúvida de ter descoberto a América?

O que tornava o Mistério presente em ‘sensível forma’ para os discípulos? O fato de estarem diante de uma Presença excepcional. Alguém teria podido perguntar aos discípulos: “Como é que você sabe que esse cara é Deus? Onde está Deus em sensível forma? Onde?” – Assim como agora: onde está Cristo em sensível forma? Onde? – E o que teriam respondido os discípulos? “Exatamente aqui, em sensível forma, e eu o reconheço, eu sei pela excepcionalidade que ele me traz”, não porque sou um visionário – eu vejo aquilo que você vê, mas acrescento algo porque sou visionário –. Não! É você que deve me explicar essa excepcionalidade, pois o que me vem à mente vendo essa excepcionalidade é a pergunta: “Mas quem é este?!”.

Quantas vezes, estando juntos, nos vem a pergunta: “Mas quem é este?”, diante de uma sensível forma? E o consideramos óbvio. Para nós a Escola de Comunidade é uma aula, não a possibilidade de fazer a verificação real, o teste de que estou fazendo a mesma experiência dos discípulos. E isso eu entendo muito bem, porque antes eu também fazia assim: para mim, ler no Evangelho a pergunta “Quem é este?” era ler uma pergunta que estava nos Evangelhos, mas para mim ela nunca

surgia a partir do real. A diferença é que cada vez mais a pergunta me vem do real, daquilo que eu vivo.

Uma pessoa me dizia: “Onde é, Carrón, que você viu Cristo na Praça São Pedro?”. Essa é a questão, entendem? Consideramos tudo óbvio. Vocês conseguem imaginar o gesto que nós vivemos na Praça São Pedro sem se perguntar: “Que estamos fazendo aqui? Quem nos colocou juntos?”. Qual é a sensível forma dessa presença? Qual é a sensível forma com a qual eu sinto minha vida acompanhada? Onde me é feita uma proposta assim? Onde se fala do humano assim? Onde uma pessoa tem esta simpatia pelo humano assim? Onde uma pessoa pode encontrar um lugar no mundo inteiro em que possa olhar o humano assim, como o percebemos olhado nestes dias?! Então, se nós começamos a não considerar isso óbvio, começamos a reconhecer que Cristo está presente, que Cristo permanece. Por que permanece? Porque permanece o mesmo olhar que nós encontramos nos Evangelhos. E por isso não sou um visionário quando O reconheço, porque toco-O com a mão, vejo-O presente, reconheço-O presente na modalidade com a qual eu sou olhado, me sinto olhado: um olhar que dá forma àquele olhar.

Basta que vocês lembrem como chegamos aqui e como nos olhamos: vejam se aconteceu alguma coisa nestes dias e não considerem isso óbvio: “Mas como isso é possível? O que torna isso possível?”. Não façamos “teologia”, partamos da experiência: “que experiência fizemos nestes dias?”, e talvez começaremos a reconhecer a Sua presença em sensível forma. Se eu, em vez de ter vindo aqui, tivesse ido à praia, teria acontecido a mesma coisa? Volto para casa diferente se vou somente à praia?

**Cesana.** Você sempre diz que nós abolimos o Mistério, e nesse sentido reduzimos a razão porque perdemos o aspecto mais realista da realidade.

**Carrón.** Por isso sempre me interessa o relacionamento com o real, caso contrário praticamos teologia, mesmo correta: somos ortodoxos, fazemos um discurso correto, mas não basta.

Dom Giussani é um gênio porque sempre nos fez partir do real, da experiência real, para introduzir-nos no Mistério: para ele a realidade é sinal, é o primeiro raiar do Mistério, o primeiro sinal, a aurora. Por que diante do raiar da aurora posso afirmar que a luz existe? Não porque imagino, mas porque vejo o primeiro clarão. Não porque sou um visionário, mas porque não paro de usar a razão segundo toda a sua amplitude, sem me deter no meio do caminho, para dar-me razão adequada daquela presença que está diante dos meus olhos, de maneira tal que pa-

ra mim se torne familiar o fundamento do real, tão familiar como a superfície, isto é, que eu veja o fundamento com a mesma familiaridade com a qual vejo a superfície. Isto dá o respiro da vida.

**Cesana.** Enfim, há um último grupo de perguntas que dizem respeito ao sacrifício e à oferta.

“Que significa que a nossa é uma resistência à verdade e não ao sacrifício?”

“Não entendo o que eu devo oferecer: no cotidiano, o que vai, vai; ao passo que quando aparece um “pepino”, então talvez você peça. Desse modo, ofereço só quando alguma coisa vai mal? Em que medida oferecer muda a realidade e o que significa dar tudo?”... no relacionamento com os filhos, com o dinheiro, na vida normal, na vida de uma pessoa que não faz as escolhas de Madre Teresa de Calcutá, isto é, uma pessoa como nós, ou seja, como Madre Teresa de Calcutá.

**Carrón.** Um pai me contava ontem que tinha dito ao filho: “Carrón quer que nós sejamos santos”. Santos sim, mas no sentido que fala Dom Giussani: homens de verdade. A mim interessa não “ser santo” conforme a imagem coletiva que temos dos santos: um personagem ‘estranho’; eu quero viver, entendem? Quero viver com toda a minha capacidade de afeição, com toda a minha capacidade de intensidade. Eu quero viver! Se isso coincide com a santidade, muito bem: é isso que eu digo. A mim interessa que vocês vivam, não que vocês sejam “piedosos”, porque se vocês forem piedosos não vão viver.

Então, já que eu quero viver em todos os momentos, o que eu carrego é esse desejo de plenitude, seja quando há um “pepino”, seja quando não há. Para nós, o Mistério é como se fosse apenas um tapa-buracos. Não! O Mistério – como dissemos – está dentro do eu, dentro. Mas nós somos racionalistas até a medula, porque concebemos o eu sem Mistério e pensamos que o Mistério nos diga respeito só quando há o “pepino”, pois prevalece uma outra coisa: já que não conseguimos... Mas, quando uma pessoa está nas Bahamas não tem necessidade da memória de Cristo? Necessita apenas quando está presa no trabalho? Essa é a questão que não se entende. Por isso eu fiz o exemplo do repouso. O repouso é o que mais lhes revela a concepção que vocês têm do eu, pois o repouso, para muitos, é sinônimo de não fazer nada, ou seja, de não fazer memória, já que não temos “pepinos” pra resolver: a não ser que – como disse uma vez Giancarlo – você vá de férias a um lugar estupendo, e haja um cano vazando no quarto, aí então...

Está novamente em jogo a nossa concepção do eu. O que temos dificuldade para entender é o senso religioso; como mentalidade, não estamos certos, depois de anos de trabalho sobre *O senso religioso* não estamos certos: nós continuamos a dizer “eu” sem Mistério, e por isso necessitamos do relacionamento com o Mistério só quando há um “pepino”. Mas vocês têm necessidade da pessoa amada somente quando há um “pepino”? Ou quando ouvem uma bela canção, quando vêem uma coisa bonita? Tudo lhes lembra a pessoa amada. Se não for assim, que quer dizer ser cristão? Por que lhes interessa? Que aconteceu de diferente na vida?

Então, a oferta é o gesto mais simples que eu posso fazer para respirar, independente da circunstância, bonita ou feia. Este gesto simplíssimo: “Ainda bem que existes, Cristo, pois do contrário isto seria sufocante”, até a praia maravilhosa, pois tudo é pequeno para a capacidade da alma.

**Cesana.** Portanto se oferece a si mesmo...

**Carrón.** ... se oferece a si mesmo totalmente, porque é o meu eu, a totalidade do meu eu que tem a necessidade de reconhecer um Outro para poder respirar: “Eu vivo, mas não eu, é um Outro que vive em mim”.<sup>116</sup> Esse é o respiro da vida. Por isso o cristianismo é a maior promessa que o homem que queira viver possa receber, o homem que queira viver cada instante; sem isso a vida seria desesperada, com pepino ou sem pepino, pois quando a pessoa tem tudo e não lhe basta o tudo, não é um azar, pois tudo é pequeno para a capacidade da alma. “*Quid animo satis?*” (O que é capaz de satisfazer a alma?).<sup>117</sup>

Por isso, amigos, temos um belo caminho a percorrer. Esse dar-nos ao todo, dar-nos totalmente em qualquer circunstância da vida quotidiana é a possibilidade de respirar; dar-se totalmente ao todo, como diz Dom Giusani, só pode ser dar-se a uma pessoa. Não é dar-se à organização de um movimento, ao partido; que me importa o partido ou a organização? A única possibilidade razoável de dar-se ao todo é dar-se a uma pessoa, ao Mistério, e para nós o Mistério é só o Mistério feito carne: Jesus.

“Cristo atraí-me todo a si, tão belo é!”. É um desafio e um programa. Cada vez que vocês lerem isso nos próximos meses, nos próximos anos, sempre terão diante de si um desafio: “Cristo atraí-me todo a si, tão belo é!”, como a promessa mais potente que um homem tenha percebido ser-lhe dirigida.

Para ajudar-nos nesse caminho, o instrumento mais decisivo é a Escola de Comunidade. É um trabalho; uma pessoa pode considerar esse trabalho por assim dizer, isto é, como alguém que vai para a aula sem ter fei-



to as tarefas. Depois, porém, não se queixem se nada acontece, pois nada é automático. Como às vezes eu digo aos noviços dos *Memores Domini*: todos queremos ser como Beethoven sem começar a solfejar. Esta é a nossa presunção.

Para finalizar, temos ainda dois capítulos da Escola de Comunidade: “O dom do Espírito” e “A existência cristã”, como trabalho para os próximos meses.

Para os próximos meses, propomos o conteúdo dos Exercícios, assim que forem publicados, para que todos possamos retomar o que ouvimos nestes dias e possamos nos ajudar a entender e a fazer experiência de tudo o que nos dissemos.

## SANTA MISSA

### HOMILIA DE PADRE FRANCESCO VENTORINO

O Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado Nele, Nele foi-nos revelado o nome de Deus. *Deus caritas est*. Foi necessário que o Filho do Homem padecesse a morte pois na Sua morte foi glorificado Deus, o nome de Deus como amor. Na Sua morte Ele venceu, o Seu amor pelo Pai venceu todo o nosso medo, todo o nosso pecado, todo o nosso nada. Na Sua morte nos mostrou a beleza do Mistério. Por isso, somente a beleza do Crucificado atrai o homem, porque compreende tudo, compreende tudo do homem, tudo da experiência humana.

É necessário, portanto, atravessar muitas tribulações para entrar no Reino de Deus. Mas essas tribulações são devidas ao fato de que é a vida de um Outro que deve crescer na nossa. A tribulação necessária para entrar no Reino de Deus é como a da geração da vida, do parto necessário... a dor do parto necessário para que venha ao mundo um vida nova. É a vida de um Outro que deve crescer dentro da nossa, é a verdade de um Outro, é a caridade de um Outro que deve crescer dentro da nossa humanidade. E na nossa humanidade é toda a tentação do mundo que deve ser sofrida e superada, vencida pela vida de Cristo. Esta é a tribulação necessária. Necessária para que no mundo se manifeste essa vitória de Cristo, essa vitória de Deus. “Eis a morada de Deus entre os homens. Ele habitará entre eles e eles serão Seu povo, Ele será Deus com eles”.

A vitória de Cristo – nos lembrava freqüentemente Dom Giussani – se manifesta no povo cristão. Esse sinal nos é dado continuamente; esse é o sinal que através de nós deve ser dado ao mundo.

## MENSAGENS RECEBIDAS

*Reverendo Senhor  
Padre Julián Carrón  
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é”, o Sumo Pontífice expressa aos numerosos participantes cordial bem-aventurada saudação com garantia de Sua espiritual proximidade e, enquanto deseja que providencial encontro suscite renovada fé em Cristo para um empenho generoso na obra da nova evangelização, invoca larga efusão de favores celestes e envia ao senhor, aos responsáveis da Fraternidade e a todos os que estão reunidos especial bênção apostólica.

*S.E.R. cardeal Tarcisio Bertone  
Secretário de Estado de Sua Santidade*

Caríssimos,  
a atração de Jesus Cristo pela nossa vida nos ergue como personalidades a caminho: com a certeza da meta, mas também conscientes de que ela exige uma tensão contínua. Nisto consiste o *valor do homem*. Por isso, cada um de nós possui uma dignidade insuprimível, que nada e ninguém pode desabonar.

O precioso ensinamento do querido Monsenhor Giussani, condensado no admirado verso de Jacopone, brilha neste ano ainda mais luminoso depois do abraço e das palavras de Bento XVI na memorável audiência do dia 24 de março passado. Aí floresce para cada um de nós um impulso de renovada comunhão que continuamos mendigando ao Pai como expressão mais convincente da humana beleza.

Saúdo-os e abençôo-os no Senhor

*S.E.R. cardeal Ângelo Scola  
Patriarca de Veneza*

Caríssimo padre Julián,

não posso participar aos Exercícios porque devo estar presente a uma assembléia de bispos europeus, que acontece na Romênia, a propósito do tema da relação fé-cultura.

Desejo, em todo caso, fazer chegar até você o sinal da minha sempre mais total pertença a essa nossa grande amizade e história, e da minha pessoal afeição à sua pessoa e à sua responsabilidade.

Carrego ainda no coração o grande evento de Roma. Quanto mais o guardo e o aprofundo na memória, tanto mais me surpreende, até a comoção, considerar a extraordinária “predileção” da qual o Espírito do Senhor fez objeto da pessoa e da vida de Dom Giussani e da extraordinária liberdade com a qual Dom Gius se identificou nessa predileção. Através da sua presença, essa predileção investiu e investe, ainda hoje, a cada dia a nossa vida: a ilumina com a luz da verdade, a conforta com o dom da caridade, abre frente a cada instante a grande e única perspectiva da missão. Assim, como nos ensinou Dom Gius, a nossa vida quotidiana participa da construção da glória humana do Senhor ressuscitado.

Garanto-lhe uma oração constante por sua grande responsabilidade e lhe peço para levar a minha bênção a todos os amigos.

*S.E.R. dom Luigi Negri  
Bispo de San Marino-Montefeltro*

Queridos amigos,

Desejo cumprimentar todos os participantes dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, enquanto participo da Assembléia Geral da Conferência Episcopal do Brasil, na qual estamos nos preparando para a V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano, que acontecerá no Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

O Santo Padre quis convidar especialmente o nosso movimento para fazer parte desse evento e fui indicado para representá-lo nesta assembléia tão importante, não só para a América Latina, mas para toda a Igreja.

Entrego-me às orações de todos para que o fascínio do encontro com o Senhor e a paixão por comunicá-lo, que aprendemos na experiência do carisma, possa ser um ponto vivo de novidade durante os nossos trabalhos.

Rezo também por todos vocês nesse grande momento de graça para que possamos responder ao urgente convite à missão que nos foi vivamente confirmado por Bento XVI na Praça São Pedro.

Um abraço, com a bênção do Senhor

*S.E.R. dom Filippo Santoro*  
*Bispo de Petrópolis*

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade*  
*Bento XVI*

Santidade, a memória do dom do Espírito que foi o grande encontro na Praça São Pedro dominou os sentimentos dos 26.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que participaram em Rímíni dos Exercícios espirituais, e de todos os outros amigos conectados via satélite de 66 países, este ano pela primeira vez também de Belém.

“Cristo atraí-me todo a si, tão belo é”. Esta frase de Jacopone de Todí deu tema aos dias de retiro chamando nossa atenção para a Vossa insistência acerca da beleza de Cristo presente que atraí.

O Vosso convite para viver “uma fé profunda, personalizada e firmemente radicada no Corpo de Cristo vivo, a Igreja, que garante a contemporaneidade de Jesus conosco”, nos impeliu a aprofundar a concepção que Jesus tem da vida, como aprendemos pelo testemunho misteriosamente vivo de Dom Giussani.

Desse modo, descobrimos a necessidade de “expandir a razão” para poder verificar a promessa de Jesus de Nazaré de ser a resposta ao desejo e à necessidade infinita do nosso coração.

Rezamos pela iminente viagem apostólica à América Latina, pedindo à Nossa Senhora Aparecida que sustente a Vossa diuturna paixão pelo destino dos irmãos homens e o indômito anúncio de que Deus teve piedade do nosso nada e se fez carne e sangue para salvar a nossa humanidade e para nos doar uma “fé amiga da inteligência”.

Como pequeno sinal da vontade de sermos fiéis a Pedro em tudo, indicamos como “livro do mês” para todos os nossos amigos espalhados pelo mundo o Vosso *Jesus de Nazaré*, desejando começar a viver nos nossos dias a Vossa mesma familiaridade com Cristo.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Tarcisio Bertone*  
*Secretário de Estado*

Eminência Reverendíssima, 26.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímíni para os tradicionais Exer-

cícios Espirituais, e outras milhares de pessoas conectadas via satélite de 66 países, agradecem por sua mensagem enviada em nome do Santo Padre, cuja presença dominou os dias de retiro, no maravilhamento ainda vivíssimo pelo grande encontro da Praça São Pedro em 24 de março.

Sempre prontos a servir a Igreja que avança na história, testemunhando que “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é”, segundo a expressão de Jacopone de Todi que deu título aos Exercícios, pedimos à Nossa Senhora e a Dom Giussani para acompanhar a Sua responsabilidade perante Deus e os homens.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Angelo Bagnasco*  
*Presidente C.E.I.*

Excelência Reverendíssima, 26.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímini para os tradicionais Exercícios Espirituais, e outras milhares de pessoas conectadas via satélite de 66 países, meditando sobre o tema “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é” (Jacopone de Todi), aprofundaram a consciência de que o acontecimento cristão corresponde às necessidades da nossa humanidade. Por isso renovamos nossa gratidão por sua razoabilíssima defesa da natureza original do homem como dependente só de Deus e portanto livre de todo e qualquer poder.

Pedimos à Nossa Senhora para ser o conforto de sua batalha pela verdade, no caminho indicado para todos por Bento XVI.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Giuseppe Betori*  
*Secretário C.E.I.*

Excelência Reverendíssima, 26.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímini para os tradicionais Exercícios Espirituais, e outras milhares de pessoas conectadas via satélite de 66 países, meditaram sobre o tema “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é” (Jacopone de Todi).

Animados pela vontade de continuar a servir Bento XVI que em Verona deu novo impulso à paixão por comunicar a beleza de ser cristão na sociedade italiana, estamos empenhados nos vários ambientes de

vida a levar o anúncio de Jesus de Nazaré, início da vida plena que todos desejamos.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Josef Clemens*  
*Secretário do Pontifício Conselho para os Leigos*

Excelência Reverendíssima, 26.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímíni para os tradicionais Exercícios Espirituais, e outras milhares de pessoas conectadas via satélite de 66 países, meditaram sobre o tema “Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é” (Jacopone de Todí).

Também neste ano, Sua Excelência, D. Rylko, trouxe-nos o abraço concreto de toda a Igreja, nossa mãe, que queremos continuar a servir, como batizados, em todos os ambientes de vida e de trabalho, seguindo o grande Papa Bento XVI, primeira testemunha da beleza de Cristo no mundo.

As. Julián Carrón

*S.E.R. Cardeal Angelo Scola*  
*Patriarca de Veneza*

Eminência caríssima, agradecemos pelas palavras que nos enviou por ocasião dos nossos Exercícios espirituais, durante os quais procuramos aprofundar a concepção que Cristo tem da vida e da qual emerge todo o valor da nossa humanidade, desejosa de Infinito, o único capaz de arrastar todos para a verdade. Desejando viver, como nos pediu Bento XVI, uma fé profunda, personalizada e radicada na Igreja, fiéis à paternidade viva de Dom Giussani pedimos uma oração pela santidade de todo o Movimento.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Luigi Negri*  
*Bispo de S. Marino-Montefeltro*

Excelência caríssima, agradecidos pela mensagem que o tornou presente aos nossos Exercícios espirituais, desejamos que saiba que tendo

meditado sobre “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”, estamos mais certos da beleza de Cristo que nos atrai para Si, à qual Dom Giussani por primeiro nos introduziu. Continue a nos sentir próximos no testemunho comum daquela “fê amiga da razão” da qual falou Bento XVI em Verona.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Filippo Santoro  
Bispo de Petrópolis (Brasil)*

Excelência caríssima, agradecidos por sua mensagem, asseguramos uma oração por Sua participação na Assembléia dos Bispos da América Latina, para que possa ser testemunha da beleza de Cristo que nos atrai, como contribuição para a missão da Igreja na fidelidade ao convite que Bento XVI renovou no dia 24 de março em Roma.

Sac. Julián Carrón



## *Apêndice*

## A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

*Aos cuidados de Sandro Chierici*

*(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)*

Quanto mais um homem é sensível e consciente, isto é, quanto mais ele pode ser homem, mais percebe que não consegue sê-lo. [...] O homem não pode realizar a si mesmo a não ser aceitando o amor de um Outro. [...] Reconhecer e seguir Cristo (fé) gera uma atitude existencial característica, pela qual o homem é um caminhante ereto e incansável rumo a uma meta ainda não alcançada, certo do futuro, porque completamente apoiado na Sua presença (esperança); no abandono e na adesão a Jesus Cristo floresce uma afeição nova para com tudo (caridade) que gera uma experiência de paz, a experiência fundamental do homem em caminho (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*)

### I

1. Vincent Van Gogh, *Retrato de Camille Roulin*. Amsterdam, Van Gogh Museum
2. Vincent Van Gogh, *Retrato de Patience Escalier*. Coleção particular
3. Vincent Van Gogh, *Jovem camponesa com chapéu de palha sentada num campo de trigo*. Berna, Coleção particular
4. Franco Griosi, *Granizo sobre a colheita*. Nápolis, Coleção Griosi
5. Edvard Munch, *Melancolia*. Oslo, Museu Munch
6. Edvard Munch, *Melancolia (Laura)*. Oslo, Museu Munch
7. Henri Matisse, *Mulher diante de um aquário*. Chicago, The Art Institute
8. Edvard Munch, *Moças sobre a ponte*. Moscou, Museu Puškin
9. Carlo Carrá, *A espera*. Roma, Coleção particular
10. Carlo Carrá, *Banhistas*. Gênova, Coleção particular
11. Fausto Pirandello, *Seca*. Roma, Galeria Nacional de Arte Moderna
12. Vincent Van Gogh, *Velho desesperado*. Otterlo, Rijksmuseum Kröller-Müller
13. Charles de Groux, *O beberrão*. Tournai, Musée des Beaux-Arts

## II

14. Caravaggio, *A vocação de Mateus*. Roma, São Luis de França
15. *Ressurreição do filho da viúva de Naim*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
16. *Pedro salvo das águas*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
17. *Ressurreição da filha de Jairo*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
18. *Cura da mulher com hemorragia*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
19. *Cura do endemoninhado*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
20. *Cura do leproso*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
21. *Cura dos coxos e dos cegos*, mosaico. Monreale, catedral, nave setentrional
22. *Cura do cego de nascença*, mosaico. Monreale, catedral, transepto meridional
23. *Cura da mão seca*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
24. *Multiplicação dos pães e dos peixes*, mosaico. Monreale, catedral, nave meridional
25. *Cura da mulher encurvada*, mosaico. Monreale, catedral, nave setentrional
26. *Cura dos dez leprosos*, mosaico. Monreale, catedral, nave setentrional
27. *Cura dos dois cegos*, mosaico. Monreale, catedral, nave setentrional
28. *Cura do paralítico*, mosaico. Monreale, catedral, nave setentrional
29. *Cura do paralítico à beira da piscina*, mosaico. Monreale, catedral, transepto meridional
30. *Jesus e a samaritana*, mosaico. Monreale, catedral, transepto meridional
31. *A ressurreição de Lázaro*, mosaico. Monreale, catedral, transepto meridional
32. *Os discípulos de Emaús*, mosaico. Monreale, catedral, transepto setentrional
33. *A ceia em Emaús*, mosaico. Monreale, catedral, transepto setentrional

34. “*Não estava ardendo o nosso coração?*”, mosaico. Monreale, catedral, transepto setentrional
35. *A volta dos discípulos a Jerusalém*, mosaico. Monreale, catedral, transepto septentrional

### III

36. Paul Gauguin, *Donzela com árvores em Tahiti*, detalhe. Winterthur, Jaeggli-Hahnloser
37. Vincent Van Gogh, *A igreja de Auvers*. Paris, Musée d’Orsay
38. Vincent Van Gogh, *Passeio ao luar*. São Paulo, Museu de Arte
39. Vincent Van Gogh, *Casal de namorados*. Coleção particular
40. Vincent Van Gogh, *Avenida com casas perto de Arles*. Kiel, Fundação Pommern
41. Edvard Munch, *Fecundidade*. Oslo, Museu Munch
42. Vincent Van Gogh, *Cultivadores de batatas*. Otterlo, Kröller-Müller Museum
43. Jean-François Millet, *Plantadores de batatas*. Boston, Museum of Fine Arts
44. Jean-François Millet, *Noite de inverno*. Boston, Museum of Fine Arts
45. Jean-François Millet, *Mulheres costurando à luz de uma lâmpada*. Boston, Museum of Fine Arts
46. Cagnaccio di San Pietro, *Lágrimas da cebola*. Veneza, Câmara do trabalho
47. Jean-François Millet, *Colheita do milho, verão*. Boston, Museum of Fine Arts
48. Galileo Chini, *Ceifa do cânhamo*. Coleção particular
49. Paul Gauguin, *Ceifadores*. Londres, Courtauld Institute Galleries
50. Vincent Van Gogh, *Mulher colhendo o trigo*. Amsterdam, Van Gogh Museum
51. Vincent Van Gogh, *O semeador*, detalhe. Otterlo, Kröller-Müller Museum
52. Jean-François Millet, *Pastorinha com o rebanho e o cão*. Boston, Museum of Fine Arts
53. Pietro Cavallini, *Cristo juiz*, detalhe. Roma, Santa Cecília
54. *Ícone de Cristo*. Mosteiro de Santa Catarina no Monte Sinai

55. *Cristo no trono*, mosaico. Istambul, Santa Sofia
56. *Cristo chalkites*, mosaico. Istambul, ex-mosteiro de São Salvador em Chora
57. *Cristo pantocrátor*, mosaico. Istambul, ex-mosteiro de São Salvador em Chora

## DIRETÓRIO PARA OS GRUPOS DE FRATERNIDADE

As indicações que seguem, sugeridas pela experiência destes anos, têm o objetivo maior de responder aos grupos de Fraternidade que expressaram o desejo de uma maior seriedade de postura na sua vida, pessoal e comunitária.

### **1. Obediência às indicações de quem guia toda a Fraternidade**

Quem participa da vida da Fraternidade é convidado a obedecer às indicações de quem guia toda a Fraternidade, em uma imanência responsável à vida do Movimento, que implica até a afetividade.

### **2. Natureza e consistência do grupo**

Um grupo é constituído de adultos que livremente o escolhem e o constituem. A idéia-guia da Fraternidade é a descoberta de que um adulto é responsável tanto pelo seu trabalho e pela sua família quanto pela sua santidade: pela vida como caminho para a santidade, isto é, pela vida como vocação.

O adulto, na medida em que é responsável, une-se a outros que reconhecem a mesma responsabilidade diante da vida como vocação.

Segundo o método ensinado pelo Movimento, todos deveriam desejar um grupo de Fraternidade, ainda que a adesão a ela seja pessoal.

### **3. O guia: todo grupo deve ser guiado**

Todo grupo deve ser guiado. O guia não coincide mecanicamente com a figura do prior, mas com uma pessoa cheia de autoridade no sentido evangélico: pessoa que tem fé, que pode vir também de fora do grupo.

O guia deve comunicar um método de vida: ensinar a reconduzir tudo a uma idéia fundamental, que, quando meditada, olhada, amada, faz nascer “todo o resto”. Esta é a origem do nosso método de vida: a vida cristã nasce do encontro com uma presença, seguindo a qual se muda. É exatamente nesta mudança de si que amadurece de forma serena a idéia de uma regra.

O guia deve favorecer uma seriedade autêntica na fé. Um guia que direcione o grupo, conforte-o, ajude-o a corrigir a inevitável tendência à artificialidade e ao moralismo.

O relacionamento estável com uma pessoa “externa” ao grupo (sacerdote, responsável do Movimento, membro dos Memores Domini) pode evitar a ênfase do próprio grupo em detrimento da unidade de toda a Fraternidade, que não é uma federação de realidades autônomas.

Todo grupo deve ter um prior, o qual desenvolve uma função de secretaria (avisos, distribuição de textos, etc.) e de ordem. O prior se atém às indicações

recebidas do Centro através do responsável diocesano e regional e do membro do executivo a quem é confiada a responsabilidade da região.

#### **4. A regra**

Na vida do grupo, a regra existe em função de um incremento do relacionamento entre a pessoa e Cristo, e, portanto, como conseqüência, de um incremento do Movimento no serviço à Igreja.

##### *a) Oração*

Todo grupo deve dar-se uma regra de oração: pode ser a recitação de uma *Ave-Maria* à noite ou a participação da Missa cotidiana. Não importa se a escolha for a hipótese mínima ou a máxima. O que importa é o gesto de oração, a fidelidade a este gesto.

##### *b) Pobreza*

O sustento mensal do fundo comum de toda Fraternidade, que implica o sacrifício, é pedido em função de um incremento da consciência da pobreza como virtude evangélica. Como diz São Paulo: “Não temos nada e possuímos tudo”. A verdadeira maneira de possuir tudo é viver um desapego para com tudo. Pode-se pagar até somente dez centavos, mas pagá-los com fidelidade tem um valor fundamental de chamado de atenção, porque é um gesto concreto e unitário. Alguém que não se empenhasse com essa diretriz não poderia se considerar parte da fraternidade.

##### *c) Desenvolvimento do conhecimento da doutrina da Igreja*

O aprofundamento catequético do Movimento é a Escola de Comunidade: ela ilumina a nossa formação permanente. Deve desenvolver-se valorizando no seu âmbito os Exercícios e os textos “emergentes” do Movimento que esclarecem o contexto no qual se coloca o “percurso” indicado pela Escola de Comunidade.

No caso em que a Escola de Comunidade for feita em outro lugar (como resultado da presença missionária do adulto no ambiente), o grupo de fraternidade deve meditar os exercícios espirituais ou os textos indicados pelo Movimento, sem deixar, em todo caso, de se referir à Escola de Comunidade.

#### **5. A obra**

A obra da fraternidade é o incremento do Movimento no serviço à Igreja. Assumir empenhos específicos está, portanto, em função disto (ver carta aos novos inscritos à fraternidade).

## IMAGEM DO GRUPO DE FRATERNIDADE

### 1. Premissa

A adesão à Fraternidade é pessoal: subsiste e vale com ou sem grupo. Este é um princípio fundamental pelo qual a pessoa vive a fé obedecendo “de coração”, ou seja, livre e diretamente, à “forma de ensinamento à qual fomos consignados” (J. Ratzinger, “Intervenção na apresentação do novo Catecismo”, in: *L'Osservatore romano*, 20 de janeiro de 1993, p.5).

A imagem conseqüente do grupo de fraternidade é o modo com o qual a adesão pessoal à toda a Fraternidade pode ser sustentada.

### 2. Finalidade e natureza do grupo de Fraternidade

O grupo de Fraternidade é um lugar de amizade cristã, ou seja, de chamado e de memória à própria conversão; um lugar onde seja mais fácil e mais estável a vontade de viver por Cristo. Sem dúvida, é mais fácil ser corrigido do que corrigir-se, por isso é útil um lugar de chamado de atenção. O grupo de Fraternidade, como figura da Fraternidade no seu conjunto, “é a consciência explicitada de estar em caminho, de ter um destino, e portanto uma ajuda para aprofundar a consciência, uma ajuda no aprofundamento do conhecimento e da consciência” (L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo, 2002, p. 105). É “uma proximidade de pessoas que se aceitam justamente como uma escola, uma escola [...] para aprender a amar o outro” (*ibidem*, p. 168).

“Deve tornar-se um lugar que mobiliza, que nos muda” (*ibidem*, p. 39).

As fraternidades ajudam na busca da santidade pessoal e na vocação que se vive: “A exigência [...] de viver a fé e depois empenhar-se com ela” (L. Giussani, “Carta aos novos inscritos à Fraternidade”, in *ibidem*, p. 249), a ponto de contribuir para a obra de salvação que Cristo introduziu no mundo com a sua Igreja.

### 3. Método (Com qual critério se escolhe um grupo?)

O critério com o qual se escolhe um grupo é a proximidade, ocasião para uma convivência que devemos desejar. A primeira proximidade que permite reconhecer o valor de todas as outras é a vocacional. Neste sentido, os grupos de Fraternidade “devem nascer segundo as convergências naturais e segundo as escolhas das pessoas, sem esquemas pré-fixados (“o ambiente” são os relacionamentos interpessoais, antes de ser um território ou uma classe social)” (*ibidem*, p. 40).



O grupo de Fraternidade pode vir de uma amizade anterior, mas implica sobretudo a decisão acerca da necessidade da companhia de tais pessoas para a própria fé e para as necessidades da vida.

O resultado de semelhante companhia particular é a descoberta de sempre mais pessoas como fraternas, isto é, a missão: a expressão mais verdadeira da experiência da Fraternidade.

De fato, “a explicitação de uma comunionalidade é portanto um envolvimento da vida inteira, de modo que aquilo que acontece ao outro não pode deixar de incidir e envolver a própria vida” (L. Giussani, “Carta aos novos inscritos à Fraternidade”, in *ibidem*, p. 251-252).

#### 4. Regra e condução

A regra sugerida para os grupos de Fraternidade propõe-se como uma ajuda oferecida a cada pessoa no empenho que ela assume aderindo à Fraternidade. Esta regra prevê:

- um mínimo empenho cotidiano com a *oração*;
- uma educação concreta à *pobreza* (também ao valor do dinheiro, mediante o *fundo comum*);
- um sustento para a *obra do movimento* (quicá mediante uma obra particular);
- aprofundamento da *doutrina da Igreja*.

De qualquer forma, os grupos de Fraternidade “não podem ter como sua expressão o debate sobre o texto” (*ibidem*, p. 83) que não se torne comparação acerca das exigências da vida, materiais e espirituais.

Isto esclarece também a função e o modo da Escola de Comunidade. “Se a Escola de Comunidade fosse bem vivida, se tornaria Fraternidade para os adultos [...]. Portanto, uma Escola de Comunidade é uma Fraternidade “inacabada”, ou seja, ainda não é Fraternidade porque está mais na superfície do nosso empenho: é um exercício mais do que uma vida” (*ibidem*, p. 167). Tudo é potencialmente uma Fraternidade.

As fraternidades são conduzidas: pelos *Exercícios Espirituais*; pela retomada deste gesto: os *retiros*; e, eventualmente, pelas *Assembléias regionais*. O *prior* tem uma função importante de secretaria, cujo aspecto principal é comunicar as indicações do Centro; não é irremovível, enquanto cabe a cada um ser responsável da vida da própria Fraternidade. Os grupos de Fraternidade podem escolher “guias” como pessoas com autoridade no sentido evangélico, identificáveis também fora do grupo, mas – de qualquer forma – devem ser aprovados pelo Executivo.

O objetivo de todas as indicações é o incremento de uma humanidade

cristã: uma humanidade concretamente diversa na maneira de pensar, de sentir e, possivelmente, de se comportar.

Toda a Fraternidade, evidentemente, encontra a sua consistência no interior do movimento e da direção que lhe é dada. Não é oportuno acrescentar outros instrumentos de guia da fraternidade, além daqueles já previstos (cartas e colocações do Fundador; diaconia central; responsáveis regionais; etc.). É importante, ao invés, que os instrumentos atualmente presentes sejam vividos com seriedade e, possivelmente, preparados, enviando contribuições e perguntas aos responsáveis. Em particular, é importante sublinhar o valor dos retiros, que devem ter: um momento de reflexão, (que retome a atualidade dos Exercícios); um momento de silêncio; um momento de assembléia e a Santa Missa.

## Notas

- <sup>1</sup> Cf. *Mt* 6,21.
- <sup>2</sup> L. Giussani, “A familiaridade com Cristo”, in *Passos* n.80, março de 2007, p. 2.
- <sup>3</sup> *Ibidem*.
- <sup>4</sup> Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja (22 de fevereiro de 2007), 2.
- <sup>5</sup> Jacopone de Todi, “Lauda XC”, in *Le Laude*, Florença, Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.
- <sup>6</sup> *Sl* 79,8.
- <sup>7</sup> Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, op. cit., 2.
- <sup>8</sup> Refere-se a uma palestra de Dom Giussani durante uma “Jornada de meditação para os casais”, Milão, 23 de janeiro de 1977, pro-manuscripto.
- <sup>9</sup> *Ibidem*.
- <sup>10</sup> *Ibidem*.
- <sup>11</sup> A. Cechov, “Storia noiosa”, in *Racconti*, vol. I, Milão, Oscar Mondadori, 1996, p. 351.
- <sup>12</sup> Refere-se a uma palestra de Dom Giussani durante uma “Jornada de meditação para os casais”, Milão, 23 de janeiro de 1977, pro-manuscripto.
- <sup>13</sup> Cf. Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, op. cit., 2.
- <sup>14</sup> Bento XVI, “Discurso aos participantes do IV Congresso Nacional da Igreja Italiana”, Verona, 19 de outubro de 2006.
- <sup>15</sup> Bento XVI, “Discurso aos participantes da peregrinação promovida pela Fraternidade de Comunhão e Libertação por ocasião do 25º aniversário de seu reconhecimento pontifício (24 de março de 2007)”, in *Arrebatados pela beleza de Cristo*, p. 13, encarte da revista *Passos* n.82, maio de 2007.
- <sup>16</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, tradução de Paulo Afonso E. Oliveira, 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p. 115.
- <sup>17</sup> Refere-se a uma palestra de Dom Giussani durante a Equipe Nacional dos Educadores, Milão, 26 de fevereiro de 1984, pro manuscripto.
- <sup>18</sup> C. S. Lewis, “Carta XIII” in *Cartas do Diabo ao seu aprendiz*, Vozes, Petrópolis, 2000, p. 60.
- <sup>19</sup> João Paulo II, “Catedral Metropolitana da Cidade do México: Homilia do Santo Padre, 26 de janeiro de 1979, in *La Traccia*, janeiro de 1979, p. 179.
- <sup>20</sup> Cf. *Mt* 18,3.
- <sup>21</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência* [tradução Neófita Oliveira]. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2006, p. 103.
- <sup>22</sup> L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Milão, Rizzoli, 1998, p. VII.

- <sup>23</sup> Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p.115.
- <sup>24</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 119-120.
- <sup>25</sup> Andreij Rublov (id), A. Tarkovskij, URSS 1969.
- <sup>26</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit. p. 120.
- <sup>27</sup> Guilherme di Saint-Thierry, *Commento al Cantico dei Cantici*, Roma, Città Nuova, 2002, pp. 44-45.
- <sup>28</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, I, 5,5. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 26.
- <sup>29</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 120.
- <sup>30</sup> *Ibidem*.
- <sup>31</sup> E. Sábato, *La resistencia*, Barcelona, Seix Barral, 2000, p. 104.
- <sup>32</sup> N. Berbjajev, *Schiavitù e libertà dell'uomo*, Milão, Edizioni di Comunità, 1952, p.37.
- <sup>33</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p.121.
- <sup>34</sup> *Ibidem*.
- <sup>35</sup> *Ibidem*.
- <sup>36</sup> *Ibidem*.
- <sup>37</sup> *Ibidem*, p 122.
- <sup>38</sup> *Ibidem*.
- <sup>39</sup> R.M. Rorty, *Conseguenze del pragmatismo*, Milão, Feltrinelli, 1986, p. 37.
- <sup>40</sup> L. Giussani, *La libertà di Dio*, Gênova, Marietti, 2005, p. 16.
- <sup>41</sup> *Ibidem*, p. 20.
- <sup>42</sup> O. Paz, *Tiempo nublado*, Barcelona, Seix Barral, 1983.
- <sup>43</sup> M. Steyn, “Blacksburg, la codardia...”, in *Il Foglio*, 21 de abril de 2007, p. 2.
- <sup>44</sup> L. Giussani, *Por que a Igreja*, tradução de Neófita Oliveira e Durval Cordas, 2ª Ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, p. 65.
- <sup>45</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 123.
- <sup>46</sup> L. Giussani, “Deus é misericórdia”, publicado em [www.catolicanet.net/sitepassos](http://www.catolicanet.net/sitepassos).
- <sup>47</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 124.
- <sup>48</sup> *Ibidem*.
- <sup>49</sup> M. Zambrano, “Filosofia y Poesía”, in *Obras reunidas*, Madri, Aguilar, 1971, p. 206.
- <sup>50</sup> M. Zambrano, *Dell'Aurora*, Gênova, Marietti, 2000, p. 32.
- <sup>51</sup> M. Zambrano, *Chiari el bosco*, Milão, Bruno Mondadori, 2004, p. 16.
- <sup>52</sup> AA. VV., “Arrebatados pela beleza de Cristo”, DVD da Audiência com Sua Santidade Bento XVI por ocasião do 25º. aniversário do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Roma, Praça São Pedro, 24 de março de 2007, Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo.
- <sup>53</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 129 ss.
- <sup>54</sup> L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 74.
- <sup>55</sup> *Ibidem*, p. 75.

- <sup>56</sup> Refere-se a uma palestra de Dom Giussani durante a Equipe Nacional dos Educadores, Milão, 26 de fevereiro de 1984, pro manuscripto.
- <sup>57</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 124.
- <sup>58</sup> *Ibidem*, p. 125.
- <sup>59</sup> *Ibidem*, p. 127.
- <sup>60</sup> *Ibidem*, p. 129.
- <sup>61</sup> *Ibidem*.
- <sup>62</sup> *Ibidem*, p. 130.
- <sup>63</sup> *Ibidem*.
- <sup>64</sup> *Ibidem*, p. 131.
- <sup>65</sup> A. Camus, “Calígula”, in *Tutto il teatro*, Milão, Bompiani, 1993, pp. 113-114.
- <sup>66</sup> C. Chieffo, “Il giovane ricco”, in *Cantos* (Livrinho Verde), p. 289.
- <sup>67</sup> Bento XVI, “Discurso aos participantes do IV Congresso Nacional da Igreja Italiana”, Verona, 19 de outubro de 2006.
- <sup>68</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p.133.
- <sup>69</sup> *Ibidem*.
- <sup>70</sup> *Jo* 12, 24-25.
- <sup>71</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 134.
- <sup>72</sup> *Jo* 3, 16.
- <sup>73</sup> *Os* 11,8.
- <sup>74</sup> Bento XVI, *Deus caritas est*, n.10
- <sup>75</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 135.
- <sup>76</sup> Bento XVI, *Deus caritas est*, n.3.
- <sup>77</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 135.
- <sup>78</sup> L. Giussani, *Realtà e giovinezza. La sfida*, Turim, SEI, 1995, p. 192.
- <sup>79</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 135.
- <sup>80</sup> *Ibidem*.
- <sup>81</sup> A.J. Heschel, *L'uomo non è solo*, Milão, Mondadori, 2001, p. 108.
- <sup>82</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 135.
- <sup>83</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem* [tradução: Durval Cordas, Neófito Oliveira e Miguel Mahfoud], São Paulo, Editora C.I., 1996, p. 104.
- <sup>84</sup> Cf. *Rm* 12, 1-2.
- <sup>85</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., p. 105.
- <sup>86</sup> *Ibidem*.
- <sup>87</sup> *Ibidem*, pp. 105-106.
- <sup>88</sup> T.S. Eliot, *Opere*, Milão, Bompiani, 1992, vol. II, p. 1121.
- <sup>89</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 135.
- <sup>90</sup> *Ibidem*, p.136.
- <sup>91</sup> L. Giussani, *Affezione e dimora*, Milão, BUR, 2001, p. 44.
- <sup>92</sup> *Ibidem*, pp. 66-67.

- <sup>93</sup> F.H. Bradley, “Principles of Logic” in T. St. Eliot, *Opere*, Milão, Bompiani, 1992, vol. I, p. 737.
- <sup>94</sup> P. Claudel, *Le soulier de satin*, Gallimard, 1965, v. II, p. 696.
- <sup>95</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., 136.
- <sup>96</sup> *Ibidem*.
- <sup>97</sup> Cf. C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Turim, Einaudi, 1952, p. 190.
- <sup>98</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 136
- <sup>99</sup> Bento XVI, *Deus caritas est*, n.6.
- <sup>100</sup> L. Giussani, *Affezione e dimora*, op. cit., p. 266.
- <sup>101</sup> *Ibidem*, p. 84.
- <sup>102</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 136-137.
- <sup>103</sup> J. Green, *La luce che resta*, Milão, Rusconi, 1977, p. 89.
- <sup>104</sup> Jacopone da Todi, “Lauda XC”, in *Le Laude*, Florença, Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.
- <sup>105</sup> Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologie*, II, II ae, q. 179, a1 co.
- <sup>106</sup> Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 14
- <sup>107</sup> Santo Agostinho, *Commento al Vangelo di Giovanni* 26,4.
- <sup>108</sup> Gregório de Nissa, *Omelia sul Cantico dei Cantici*, Roma, Città Nuova, 1996, p. 47.
- <sup>109</sup> *Ibidem*, p. 257.
- <sup>110</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 141.
- <sup>111</sup> *Ibidem*, p. 142.
- <sup>112</sup> T.S. Eliot, “Coros de ‘A Rocha’”, in *Poesia*, tradução de Ivan Junqueira, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 188.
- <sup>113</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, p. 142.
- <sup>114</sup> Bento XVI, “Homilia durante a solene celebração eucarística na esplanada dos ‘Orti borromaici’ de Pavia”, Domingo, 22 de abril de 2007.
- <sup>115</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 142.
- <sup>116</sup> *Gl* 2,20.
- <sup>117</sup> Cf. A. Gemelli, *Il Francescanesimo*, Milão, Edizioni O.R., 1932, cap. XIII.



## Índice

---

|   |        |
|---|--------|
| MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI                                     | 3      |
| <br><b><i>Sexta-feira, 4 de maio, noite</i></b>                         |        |
| INTRODUÇÃO  | 4      |
| SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE PADRE PINO</i>                              | 10     |
| <br><b><i>Sábado, 5 de maio, manhã</i></b>                              |        |
| PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>O homem é relacionamento exclusivo com Deus</i> | 11     |
| SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S.E. DOM STANISLAW RYLKO</i>                | 24     |
| <br><b><i>Sábado, 5 de maio, tarde</i></b>                              |        |
| SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>Que vale a vida senão para ser dada?</i>         | 29     |
| <br><b><i>Domingo, 6 de maio, manhã</i></b>                             |        |
| ASSEMBLÉIA  | 44     |
| SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE PADRE FRANCESCO VENTORINO</i>               | 57     |
| MENSAGENS RECEBIDAS   | 58     |
| TELEGRAMAS ENVIADOS   | 61     |
| <br><b><i>Apêndice</i></b>  |        |
| A ARTE EM NOSSA COMPANHIA   | 66     |
| DIRETÓRIO PARA OS GRUPOS DE FRATERNIDADE                                | 70     |
| IMAGEM DO GRUPO DE FRATERNIDADE   | 72     |
| <br><b><i>Notas</i></b>   | <br>75 |

---







"CRISTO ATRAI-ME TODO A SI,  
TÃO BELO É"

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2007